

Varadouro

um jornal das selvas

Ano IV - N°. 23 - Rio Branco, Acre - Agosto/Setembro-81 - Cr\$ 30,00

ONDE HÁ TERRA PRÁ VIVER?



Colégio Acreano: quartel ou escola?

Pág. 5

Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e outros Estados: Cr\$ 100,00.

NESTE NUMERO

Para fazer um jornal, são necessárias duas condições. A primeira, é sentir a necessidade de mostrar, de dizer — o que surge natural e principalmente, quando se percebe que o mundo, a vida, o trabalho, o dia a dia de cada um, seguem caminhos pouco compatíveis com a dignidade do homem. Ou então quando existe a dúvida, o debate, ou mesmo o novo. A segunda condição é apenas o trabalho, o "mãos à obra".

Varadouro é um jornal importante no Acre. Porque desperta o interesse de muita gente. Porque é lido (e não raro querido) em Rio Branco, nas cidades do interior, em seringais, fazendas e colônias. E assim acontece porque este é talvez o único jornal da região, cujo comprometimento é apenas com as idéias que defende. Idéias como as de liberdade, renovação, democracia, movimento, humanidade e tantas outras — todas preocupadas com a sobrevivência do homem como homem e não como besta fera.

Serão essas razões suficientemente fortes para mexer com as pessoas que necessitam de um canal eficaz para veicular seus pontos de vista?

Mas não é só o apoio de pessoas dispostas a "botar a boca no trombone" que necessita Varadouro. Por isso estamos lançando uma campanha de assinaturas de colaboração, a nível nacional, a fim de levantarmos recursos para prosseguir com o trabalho que nos propusemos.

Nesta edição, o novo em Varadouro está na matéria sobre educação infantil, onde se levanta algumas indagações acerca do significado da formação a partir da qual são "moldadas" nossas crianças.

E também nos desenhos de Branco — desenhos jovens que retratam a vida com humor e serenidade.

Mas como o Acre e o Brasil seguem sendo uma sociedade repressiva e autoritária, não podemos deixar de denunciar os velhos problemas: são os trabalhadores do campo cuja vida resume-se a mudar, sempre em busca de um pedaço de terra; é a FUNAI a negar os direitos dos índios; são as nossas escolas administradas como se os alunos não fossem seres que pensam e sentem e que apenas querem formar autômatos de respostas rápidas e sempre obedientes.



Mário Juruna (Nação Xavante)



Oleirano Paisano

Kaxinauá comercializam sua produção de borracha em Tarauacá

Índios seringueiros do Acre

Os Kaxinauá estão produzindo mais de 3 mil quilos de borracha por mês, dentro das reservas indígenas dos rios Jordão e Humaitá, graças ao apoio do Centro de Trabalho Indigenista de São Paulo.

A Ajudância da FUNAI no Acre tem se omitido e, pior ainda, atrapalhado consideravelmente o movimento das cooperativas Kaxinauá de produção de borracha. Recentemente a FUNAI foi obrigada a devolver para a SUDHÉVEA, mercadorias avaliadas em 2 milhões de cruzeiros, que deveriam ter sido entregues aos índios, há cerca de 8 meses, pelo ex-chefe do Posto Indígena, Israel Freitas. Entre estas mercadorias encontram-se espíngardas, sal, querosene, sabão, leite, chumbo, pólvora, espoletas, sapatos, sandálias, tecidos, remédios, etc. Tudo isso está agora depositado no armazém da COBAL em Tarauacá, à disposição da SUDHÉVEA. A devolução das mercadorias dos índios Kaxinauá só ocorreu porque os técnicos da SUDHÉVEA constataram corrupção, irresponsabilidade e até mesmo incompetência por parte do Chefe da Ajudância da FUNAI no Acre, Benamour Fontes, acobertado pelo Delegado Apoená Meireles.

As lideranças Kaxinauá do Rio Jordão, encontram-se em Rio Branco para uma audiência com o Dr. José Cezario de Barros, Superintendente da SUDHÉVEA, porque estas mercadorias são de fundamental importância para que eles possam continuar produzindo e vendendo borracha em Tarauacá, por conta própria, independentes dos patrões seringueiros dos altos rios.

A omissão da Ajudância da FUNAI em relação aos Kaxinauá, tornou-se mais vergonhosa e alarmante no recente episódio em que os seringueiros Raimundo Ramos de Araújo Teófilo Lessa arrendaram os seringais existentes nas reservas indígenas do Jordão e Humaitá.

O Sr. Manoel Augusto Alves, figura bastante conceituada em Tarauacá, por ter sido o interventor do BASA nas propriedades do ex-Senador Altevir Leal, exercendo atualmente os cargos de Presidente do Sindicato patronal do Município e Presidente do Diretório do PDS local, retirou mais de 7 milhões de cruzeiros na agência do Banco do Brasil de Cruzeiro do Sul, com um contrato de arrendamento firmado no Cartório de Tarauacá.

Aliás, aquela agência bancária está sendo considerada a "nova Serra Pelada" do Vale do Juruá, pois financia a torto e a direito aos patrões seringueiros, inclusive os dos seringais existentes dentro de reservas indígenas já reconhecidas pela FUNAI.

Quando precisa pressionar índios, antropólogos e jornalistas, o Sr. Benamour logo convoca os agentes da Polícia Federal. Quando os "barões" de Tarauacá arrendam e retiram financiamentos para movimentar os seringais localizados dentro de áreas indígenas, ele se omite e finge desconhecer os fatos. Do jeito que o representante da FUNAI está procedendo, poderá até comprometer a atuação da Polícia Federal perante a opinião pública, dado seu total desconhecimento da questão indígena no Acre.

Dos leitores

Sr. Diretor

Fazem 2 meses que estou em Rio Branco e neste meio tempo tive a oportunidade de ler os dois últimos números de Varadouro... Estou de acordo com muita coisa que o jornal publica, especialmente no que se refere à preservação do patrimônio natural, tanto do Acre como da Amazônia... O Estado do Acre é, por força de felizes circunstâncias, um tesouro fabuloso, que vale muito mais para a humanidade do jeito como está, do que estragado ou mutilado pelo falso progresso que tantos cegos iludidos desejam que chegue até aqui... Por isso creio que se fossem "abertos" os olhos dos políticos locais, seria possível fazer uma lei genérica, tornando isto aqui INTOCÁVEL para aqueles que só objetivam produzir dinheiro da forma mais suja, como é a aplicação de poluentes tão drásticos como o agente laranja, cuja utilização acontece no Acre.

Authares Auf Der Strasse
Rio Branco — Acre.

Sr. Redator

Leio sempre com bastante interesse o Varadouro. O n.º 21 (Maio/81) esteve realmente fantástico... Na oportunidade, quero agradecer... pela ótima reportagem sobre homossexualismo... Toda a equipe que neste conceituado jornal colabora, merece aplausos pelo excelente trabalho. VÃO EM FRENTE: ESSA TERRA PRECISA.

Ronaldo Fortes Cavalcanti
Manaus — AM.

Sr. Redator

Estamos fazendo a : miniusina com muitos ataques, mas se Deus quiser nós venceremos... O povo de Plácido de Castro pedem às autoridades que não acabem com a seringa, castanha e a madeira.

Ao INCRA, COLONACRE, IBDF, para que não aconteça como no Seringal Iracema, que dava 600 toneladas de borracha por ano, e o Seringal Perseverança também e Nova Almeida e mais outros seringais, acabaram com a seringa e castanha. Como tem tantas famílias sofrendo a falta dessa seringa e castanha. Já basta o desmatamento que já tem.

O povo só fala em plantar capim. Deverá plantar seringa para que nosso Brasil cresça grandemente, para não acontecer como aconteceu em Samaria, a capital de Israel... que chegaram a comer os próprios filhos... Assim, vamos se preparar. Podem outras nações vir pedir socorro ao nosso Brasil e nós termos mantimentos. Abrimos nossos olhos para que enxerguemos onde está a falha.

José Messias Feitoza
Plácido de Castro — AC.

um jornal das selvas
Varadouro

Editores: Elson Martins da Silveira, Marco Antônio Salgado Mendes, Romerito Valle de Aquino, Silvio Martinello.

Redação: Antônio Alves Neto, Antônio Manoel Rodrigues, Arquillau de Castro Melo, Elson Martins da Silveira, Fátima Almeida, Francis Mary, Marco Antônio Salgado Mendes, Mary Allegretti, Romerito Valle de Aquino, Saulo Petean, Silvio Martinello, Silene Farias, Terry Valle de Aquino.

Desenhos e Ilustrações: Roberto Medeiros (Branco)

Diagramação: Ildo José

Publicidade: Maria da Concelção e Raimundo Nonato

Assessor Jurídico: Arquillau de Castro Melo

Redação e Administração: Trav. Epaminondas Martins, 141 — Bairro do Bosque — 69.900 — Rio Branco — Acre — Tel.: 224-1571

Composição e Impressão: Empresa Gráfica Calderaro Ltda. (Manaus-AM)

Varadouro é uma publicação de Macauã Produções Gráficas e Publicações Ltda., registrada na 1ª. Vara da Comarca de Rio Branco — Livro B-1, n.º. 2.

A luta de VARADOURO também é sua luta.

Faça uma Assinatura de Colaboração
Acre — Cr\$ 400,00 (6 edições)

Outros Estados — Cr\$ 800,00 (6 edições)

Remeta um cheque comprado ou vale postal
em nome de: Macauã Produções

Gráficas e Publicações Ltda.

Caixa Postal 354 69900 Rio Branco — Acre

“Eu acho que esse regime tem que aprender que não é com Lei de Segurança Nacional, com condenação, com cadeia, que ele vai impedir o avanço das lutas populares. Eu trago sempre na lembrança aquela frase que diz que você pode reprimir parte do povo todo o tempo, parte do tempo todo o povo, mas você não pode reprimir todo o tempo o povo todo”.

LSN persegue trabalhadores

Luis Eduardo Greenhalgh, presidente do Comitê Brasileiro pela Anistia em São Paulo, membro da direção do PT paulista e advogado do Lula no processo de Brasília. VARADOURO o entrevistou em julho passado, quando veio a Rio Branco acompanhar, na Justiça Federal, a audiência em que dois agentes federais e o seringalista Guilherme Lopes, (como testemunhas de acusação), foram ouvidos pelo juiz Ilmar Galvão.

Vamos recordar: no dia 22 de julho de 1980, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasília, Wilson Pinheiro, foi assassinado a tiros quando via televisão na sede do sindicato. No dia 26 de julho, realizou um ato público de apoio aos trabalhadores, ao qual esteve presente Luis Inácio da Silva, o Lula, Jacob Bittar, José Francisco da Silva (presidente nacional da Contag), João Maia da Silva Filho (delegado regional da Contag) e o vereador Francisco Mendes, presidente do PT do Acre. Durante o ato, clamou-se por justiça contra o assassino de Wilson. Quando retornavam para as suas posses, no dia seguinte (27/07), os trabalhadores mataram o capataz de fazenda Nilo Sérgio, principal suspeito. E os cinco líderes sindicais citados foram acusados de incitamento à luta de classe pela Auditoria Militar do Amazonas.

Varadouro: Como é que anda esse processo, vai dar em alguma coisa?

Greenhalgh: Eu tenho a impressão que a Justiça Militar vai mandar esses processos para o lugar tradicional dos processos por absolvição: as gavetas empoeiradas dos arquivos da Auditoria. Esta é uma ação penal que não tem razão de existir. É uma ação política, em verdade não se visa apurar incitamento algum, se visa prejudicar líderes políticos emergentes no movimento dos trabalhadores e torná-los inviáveis do ponto de vista de candidaturas a cargos eletivos.

Varadouro: Qual o próximo passo do inquérito?

Greenhalgh: Bem, terminaram as oitivas das testemunhas de acusação. O código diz que a partir da última testemunha de acusação você tem cinco dias para arrolar as testemunhas de defesa. São cinco acusados neste processo: Lula, Jacob, Chico Mendes, João Maia e Zé Francisco. Cada um deles tem direito a três testemunhas. São 15, portanto. Após serem ouvidas, abre-se prazo para pedido de diligência e depois alegações finais e julgamento. O processo ainda tem quatro etapas: o das testemunhas, etapa das diligências, etapa das alegações e etapa do julgamento.

Varadouro: Poderá encerrar antes de 82?

Greenhalgh: A defesa tem interesse que o processo seja julgado o quanto antes. Mas eu tenho a impressão que este não é o objetivo de quem o conduz. O processo é feito com cartas precatórias, que levam alguns meses para serem cumpridas. A gente vai fazer tudo o que estiver ao alcance para chegar ao julgamento ainda este ano.

Varadouro: Seria interessante uma palavra sua para os trabalhadores do Acre sobre um outro ângulo que se vê neste processo. Vemos nele uma tentativa de ignorar o poder de luta e resistência do trabalhador rural, atribuindo-se ao Lula responsabilidades que eles, os trabalhadores, vêm assumindo no Acre há alguns anos. Como advogado de Lula num outro “processo político”, em São Paulo, como você vê essa preocupação do Governo?

Greenhalgh: No processo do Lula em São Bernardo (SP) eu jamais esperaria a condenação. Porque a prova daquele processo é francamente favorável aos indiciados. O resultado do julgamento foi político. Aqui também a origem desse processo é uma perseguição política. Eu acho que o povo brasileiro está se levantando, está se organizando

e vai tomar as rédeas da Nação. E povo brasileiro eu compreendo os trabalhadores do campo e da cidade, os pequenos empresários, a parcela que sustentou o milagre brasileiro nas cotas, e agora sustenta a fome, o desemprego, a prepotência. Eu acho que esse povo está despertando. A gente vai perder alguns anéis nessa briga, mas não vai perder os dedos. Então, assim eu vejo o Lula. Ele encerrou o processo em São Paulo, e este aqui, como ossos do ofício, como coisa de quem está na chuva para se molhar. É um cara que se quisesse ser oportunista politicamente não teria sido condenado em São Paulo, não teria pego um processo aqui em Brasília. Porque propostas do Governo não faltaram.

Varadouro: Então vamos em frente. O que representou aquela viagem do Lula a Europa? Qual a importância dos contatos que ele fez lá para o PT?

Greenhalgh: Minha opinião é a seguinte: Essa viagem que o Lula, o Jacob, o Moisés e o Wefflort fizeram a Europa, contando com diversos partidos políticos, diversas centrais sindicais, diversas entidades da Igreja, etc., representou para o PT o reconhecimento de que no Brasil a classe operária está começando a se organizar. E para os europeus, para os representantes de entidades que eles contactaram, demonstrou a necessidade de respeito para com os trabalhadores brasileiros. Os dirigentes do PT não foram dar uma mensagem: “Olha, a classe operária no Brasil, no campo e na cidade, está construindo um partido, que é um partido das massas, um partido legal, sem fórmulas pré-concebidas deste ou daquele tipo de condução política, sem alianças privilegiadas com esta ou aquela nação socialista ou comunista, mas com uma opção pela organização do povo brasileiro”.

Varadouro: Quanto a uma previsão PT, quais os Estados em que se pode avaliar que o partido está bem estruturado e tem condições de ganhar?

Greenhalgh: O que eu sinto no PT de São Paulo é como no PT do Acre. É um partido de esperança. O povo está jogando o seu apoio, é um partido do povo, diferente. Tradicionalmente o povo brasileiro foi obrigado, secularmente, a aguentar partidos cujos candidatos se apresentavam nas vésperas da eleição, falavam e falavam muito, faziam muitas promessas e se elegiam. Depois desapareciam e só daí a quatro anos apareciam de novo. São partidos eleitorais, não são partidos políticos. O PT é um partido político permanente, não é partido essencialmente eleitoral.

Tanto é que os diretórios do PT lá em São Paulo têm atividades diárias nos bairros, nas periferias, nos movimentos de base. Os núcleos do partido têm atividades permanentes, do tipo corte e costura, educação de adultos, para elevar o nível de aprendizado tecnológico dos operários, de conscientização, de discussão, de crítica. É um partido que está chegando ao povo de uma forma diferente. Não está trazendo o seu candidato para o próximo pleito. Mas está fazendo a sua proposta de organização, de elevação do nível de conscientização das massas. O PT em São Paulo está ótimo, no Rio tenho boas indicações dele. O PT passou por diversas fases. Passou daquela em que todo mundo dava risada, não vai ter PT. O Golbery muitas vezes deu entrevista: “Não vai ter PT. O que é que é isto?” Os caciques da oposição tradicional diziam que “isso é um sonho que vai passar já já” e que “o Lula vai voltar para o PMDB”. Hoje o PT é chamado para discutir os problemas em pé de igualdade com os outros partidos. Eu acho que as eleições de 82, se existirem, vão apresentar muitas surpresas com relação a votação do PT.

CENTRO EDUCACIONAL E CULTURAL META

Pré-escolar — 1º. Grau — 2º. Grau — Fone: 224-3248



COLÉGIO META, É O LUGAR ONDE PROFESSOR E ALUNO ALÉM DE ADQUIRIREM CONHECIMENTOS, AJUDAM A AMPLIAR ESSES CONHECIMENTOS.

Nossa proposta educacional se pauta pela seriedade, qualidade e preparação do Homem para a vida.

ALEPAMINONDAS JACOME, 643

COLONACRE

PROJETO REDENÇÃO

O Projeto de Assentamento Dirigido “Redenção I” a cargo da COLONACRE, vem assentar até início de 1982, 500 famílias em 500 lotes rurais que contarão com toda infra-estrutura de apoio. Os parceleiros já estão sendo selecionados pela Colonizadora, que dá prioridade aos posseiros radicados na área, aos seringueiros deslocados dos seringais desativados e pessoas que habitam a periferia da cidade, sem acesso a terra. Os parceleiros receberão uma área de seringueira já implantada, financiada com recursos do PROBOR e terão acesso a outros programas de crédito rural.

Terão garantidos a assistência técnica, educacional e de saúde. Um dos objetivos do Projeto é a elevação do nível de vida da população beneficiada, levando-o a organizar-se em comunidade social economicamente ativa, capaz de participar do processo produtivo. Em níveis econômicos se propõe racionalizar o uso da terra, promovendo real fixação do homem do campo.

VARADOURO Vai a Plácido de Castro

Varadouro tem procurado ouvir os trabalhadores do interior do Acre. E isso não tem sido difícil, apesar da distância que um mora do outro, da ausência de estradas e de transportes. A presença em Assembléias dos Sindicatos, em reuniões promovidas pela SUDHEVEA, ou em encontros políticos, é sempre significativa. O trabalhador rural do Acre gosta de falar dos seus problemas, quer ser ouvido e tem uma atitude que o singulariza: é muito sincero nas suas opiniões. Diz exatamente o que está lhe acontecendo e indica com convicção os responsáveis. Mesmo que isto não agrade a quem está no poder.

Em Plácido de Castro, numa colônia perto da cidade, seu Messias — seringueiro e colono — chamou seus companheiros para uma conversa com Chico Mendes, Presidente do PT. Vieram seringueiros que trabalham na Bolívia, colonos, e alguns trabalhadores da cidade. Durante toda a tarde eles analisaram seus problemas: falaram do preço da borracha, da COBAL, dos partidos políticos, das eleições, do Sindicato. Pra cada tema uma opinião decidida. Embora nem sempre seja possível expressá-la publicamente, como relatou um deles, qualquer reunião de trabalhadores é mal vista na cidade. Por ficar bem visto no comércio local, tem que dizer que é do PDS: "Votas no PDS?" perguntou um seringueiro... "Pra passar mais quatro anos de fome?... 17 anos de fome?... O povo não vai mais acompanhar o Governo".

O PODER DOS COMERCIANTES

Em Plácido de Castro dois comerciantes dominam o mercado: Luiz Gonçalves e A.C. Sabóia. Quando Varadouro foi fazer um levantamento dos preços nas lojas, Sabóia — cearense há 8 anos no Acre — recusou-se a fornecer informações, dizendo que os jornais as distorcem. Na nossa



"Soldado da Borracha" de Plácido de Castro

opinião, não é bem isso o que acontece. Os preços é que estão distorcidos...

Os marreteiros, aviados nessas casas comerciais, percorrem os rios e compram a borracha produzida na Bolívia. O preço mínimo da SUDHEVEA — Cr\$ 163,00 até o mês de julho — não é respeitado em lugar algum, recebendo muitos seringueiros apenas Cr\$ 100,00 pelo quilo da borracha. Até os estivadores são aviados pelos comerciantes. Recebem parte de seu salário em dinheiro e parte em espécie, "comprada" nas casas comerciais para onde fazem o carregamento da borracha e das mercadorias.

Em Plácido de Castro não existe mais "patrão" como antigamente. Hoje os seringueiros são sujeitos aos marreteiros. Segundo eles, a situação é ainda pior que antes: "um patrão é aquele que era antigamente: mandava deixar a mercadoria lá na casa do seringueiro. O seringueiro adoecia e ele dava assistência na doença do seringueiro. Ele era de todo responsável pelo seringueiro. Ele mandava fazer a ponte, ele comprava burro, ele pagava comboieiro, ele mandava roçar varadouro. Esse é que era o patrão. Hoje tudo isso é o seringueiro que faz por conta dele: traz a borrachinha, vende ao marreteiro, ele despacha a hora que quer, paga o que quer. Ele é um marreteiro sem responsabilidade".

Nos últimos anos, muitos seringueiros foram cortar borracha nos seringais do outro lado do rio, em território boliviano. Manoel Freire de Lima explica a situação do seringueiro: "a indústria do Acre é a borracha. Quem são esses que lutam pela borracha? É o seringueiro. Qual é o direito que os seringueiros têm? A classe seringueiro é quem trabalha para dar o sobreviver a todo o Estado. Mas o seringueiro é uma classe que não vale nada. Ninguém considera o seringueiro. Porque olha: o seringueiro é levado pelos marreteiros. Eles são humilhados. Veja o seringueiro como trabalha aí pra Bolívia. Nós tem uma colônia grande aqui pra Bolívia. Nós tem mais brasileiro aqui que bolivianos. E tanto, que quem tá guardando essas fronteiras aqui não é esses soldadinhos não. É os seringueiros. E é muito seringueiro. Essa produção ela vem da Bolívia. Mas ela passa pras mãos desses marreteiros, como borracha brasileira".

Perguntando pra ele porque os seringueiros estão indo para a Bolívia ele esclarece: "Porque não têm condições, não têm terra. Não têm lugar no Brasil. E os bolivianos estão dando melhor condição que no Brasil. Porque a coisa mais ruim que tem prum pobre é viver no Brasil".

O SINDICATO E AS ELEIÇÕES

A reunião de Plácido de Castro apontou de forma unânime, a necessidade de fortalecimento do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Essa é uma luta urgente e também considerada uma das principais alternativas para melhorar as condições de trabalho de seringueiros e colonos. Fora isso, só voto. Como disse um deles: "O voto é a arma do povo".

Apesar do isolamento do Acre e da falta de informações, o trabalhador acompanha, principalmente através da "Voz do Brasil", as idas e vindas da política nacional. E toma posição. Não será nada fácil para o PDS conseguir votos entre o povo do Acre. Será preciso muito mais do que alguns pratos de comida, pares de sapato ou dentaduras novas. A identificação dos trabalhadores com os partidos verdadeiramente de oposição, é imediata e consistente.

Varadouro está ao lado dos trabalhadores nessa briga. Voltaremos a Plácido de Castro. Continuaremos ouvindo o pessoal do interior do Estado e procurando trazer para o jornal, seus problemas de todos os dias. A maior satisfação pra nós, é ver o pessoal se reconhecer nas matérias que escrevemos, e buscar o jornal pra contar novos fatos.



Chico Mendes reúne-se com os trabalhadores de Plácido de Castro para discutir seus problemas.

Exportadora Juruá

Cerâmicas, azulejos

Preços inacreditáveis

Carimbos — Entrega em uma hora

Travi da Capitania, 114

Fones: 224-1789 e 224-5333 224-5233

Springer Nordeste S.A.

Paulista (PE), 31 de julho de 1981

Informamos a quem interessar possa, que o titular da firma FARHAT E PAIVA COM. REP. LTDA., Sr. Jorge Maluf FARHAT, encaminhou ao Departamento de Serviços da Springer Nordeste S/A., toda sua documentação destinada à abertura cadastral em nossa unidade de fabricação de Condicionadores de Ar, objetivando o processamento e extensão de mais uma Assistência Técnica Springer Autorizada em Rio Branco, Estado do Acre.

Elias José de Barros Filho
Gerente de Planejamento



Linha dura nos colégios acreanos

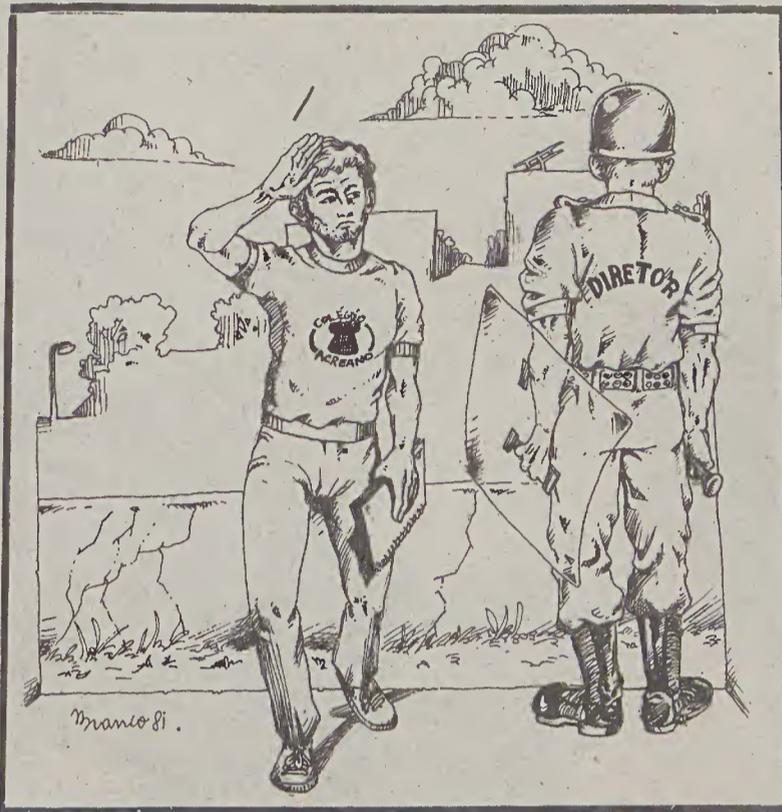
O recente movimento estudantil desencadeado no Colégio Acreano, colocou a nu a estrutura repressiva daquele estabelecimento, que é praticamente a mesma em toda a rede de ensino de 1º. e 2º. graus, em todo o Estado, e na maior parte do país.

O movimento que iniciou pela abolição do uso da farda aos sábados à noite, e pelo fim do terceiro turno — liderado pela diretoria do Centro Cívico Escolar (CCE) — não teve os desdobramentos normais de um simples movimento estudantil reivindicatório. Por culpa dos estudantes?

Na verdade não. O professor Raimundo Gomes de Oliveira, diretor daquele colégio há 17 anos, conhecido no meio estudantil pela sua intransigência e seu conservadorismo, "sequer ouviu os estudantes", conforme uma nota estudantil distribuída no colégio.

"Tivemos que recorrer à greve, à força da nossa união". No sábado, somente 33 estudantes entraram no colégio fardados. Os demais (estudam no turno da noite cerca de 400), ou ficaram do lado de fora, em protesto, ou em casa, em solidariedade. O diretor (que chegou a chamar até o pelotão de choque da PM!) foi obrigado a atender às reivindicações estudantis. "Hoje não temos mais o terceiro tempo e os sábados são livres!"

"Mas a nossa vitória não estava completa, uma vez que o diretor suspendeu por oito dias o nosso companheiro Raul dos Santos. Continuamos a luta, agora pela revogação da sua suspensão. Passamos um abaixo-assinado pela revogação, que contou com 188 assinaturas. Mas mesmo esse abaixo-assinado o diretor desrespeitou, e mandou que voltássemos para recolher as 182 assinaturas que ele tinha considerado válidas, num prazo de apenas 48 horas, e



ainda por cima com as seguintes exigências: assinatura por extenso e legível, nenhuma rubrica, número de chamada e série".

O prazo de 48 horas coincidia com dois dias sem aula: a sexta-feira do jogo Flamengo e Atlético, e o sábado que agora é livre! Ou seja: o diretor continuou com suas manobras, negando-se a ouvir o grito de solidariedade de quase 200 estudantes, os quais mesmo face ao clima de terror por ele implantado no interior do colégio (colocou inspetores nas portas das salas de aula, proibiu os alunos de circular pelo corredor e de se reunirem dentro do colégio, ameaçou e suspendeu vários outros alunos que não obedeceram às suas ordens, etc.), haviam endossado o abaixo-assinado.

SUSPENSÃO É O ARGUMENTO, OU "CIVISMO" OBRIGATÓRIO

Mas o Colégio Acreano não é uma exceção. A grande diferença está no fato de que ali os estudan-

tes se rebelaram contra a total falta de liberdade, comandada por um diretor que há muito deveria estar aposentado "por tempo de serviço".

Durante a preparação do desfile do próximo 7 de setembro, são comuns cenas como a do diretor do CESEME arrebanhando alunos na praça para o ensaio, sob ameaças de "quatro dias de suspensão".. É sob a ameaça de suspensão, que centenas de jovens e crianças "comemoram" o dia da independência, e os que perguntam "por que?", são chamados de antinacionalistas, e, naturalmente, suspensos caso insistam numa resposta convincente.

Se o "dia da Independência" merece ser comemorado por todos os brasileiros, por que então os diretores (que deveriam ser as pessoas mais indicadas) não dialogam com os estudantes, argumentando o quanto é "verdadeira" a nossa independência, e que o seu sacrifício de desmaiar sob o ardente sol do dia 7, não é apenas para atender às suas vaidades pessoais de mostrar os "seus meninos" marchando direitinho e

melhor que os outros. Mas isso não é o que acontece: a suspensão é o argumento.

"APRENDENDO A NÃO SER JUVENTUDE

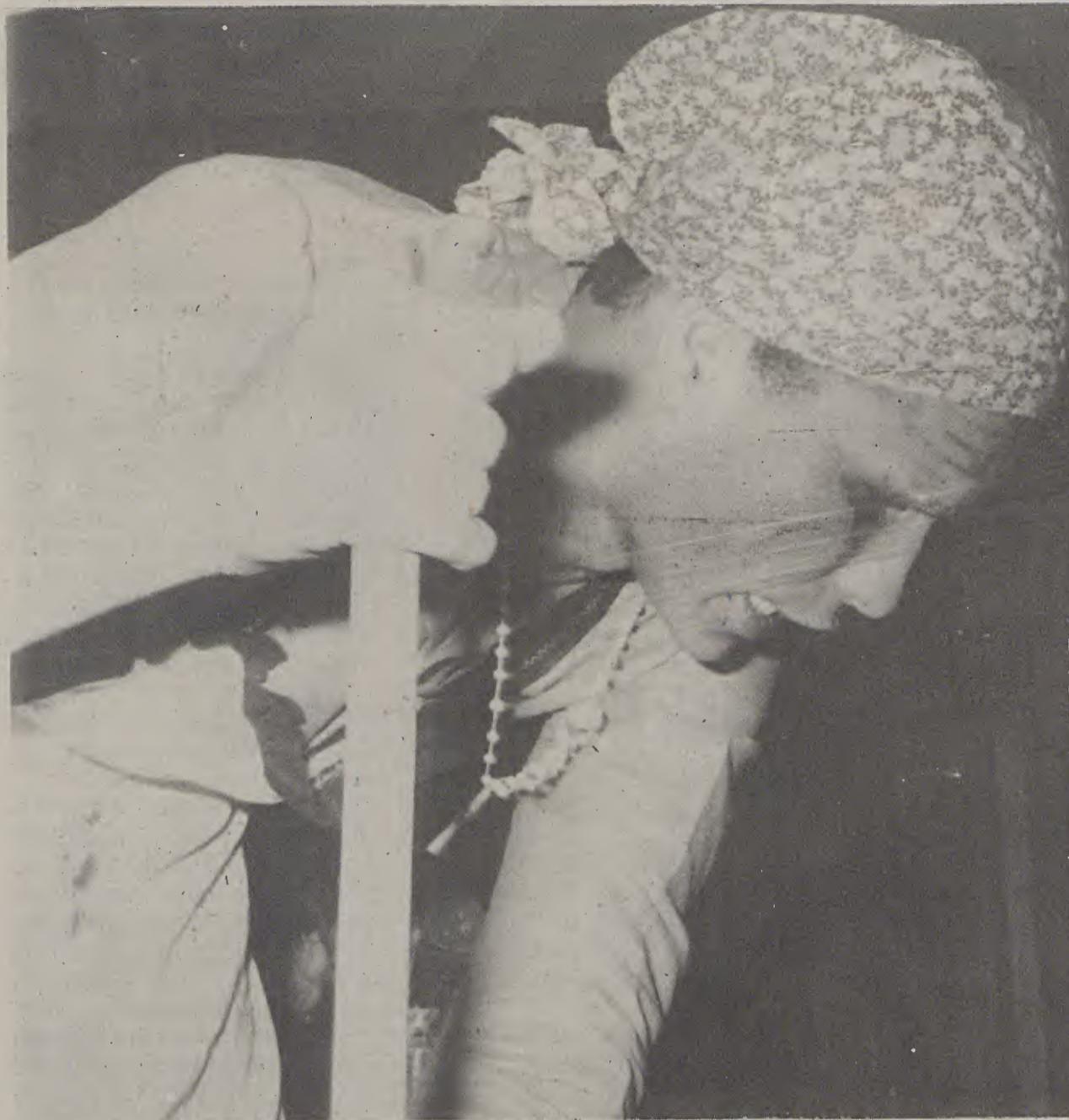
No CESEME, portões fechados. No Colégio Acreano, inspetores nas portas das salas. Em todos eles a figura do diretor: uma ameaça pairando sobre a cabeça de todos os que queiram questionar. Liberdade de expressão não é matéria lecionada nos colégios da capital, onde diariamente a juventude "aprende" a se calar, a não pensar, a não ser juventude.

O movimento dos estudantes do Colégio Acreano veio denunciar de público, o que acontece diariamente no interior desses colégios, onde centenas de jovens vivem em regime de quartel.

"Por isso ele contou com a solidariedade de estudantes do CESEME e até mesmo da Universidade, para onde irá parcela desta juventude, que, enquanto depender de diretores como o secular Raimundo Gomes, será entregue "prontinha" para o igualmente secular Aulio Gélío", conforme a avaliação de um estudante do curso de História da UFAC.



Atendemos pedidos
para o interior
Rua 17 de Novembro
— 2º. Distrito
Tel.: 224-2418



Feira de Teatro

III Mostra de Teatro Amador

A Federação de Teatro Amador do Acre — FETAC — e o Serviço Social do Comércio — SESC, juntos realizarão a Feira de Teatro e III Mostra de Teatro Amador, que consta de Seminário, Cursos e espetáculos.

CURSOS: Interpretação Teatral — Cláudio Barradas
Maquilagem — Mário Jorge
Teatro de Rua — Leda Alves

SEMINÁRIO: Teatro Realidade na Amazônia
ESPETÁCULOS: Verde que te quero vivo — Grupos Sacy e 4º. Fuso.

Rua do Lixo 24 — Grupo Popular do SESC

Bruxinha Dorotéia — Grupo Semente

A Coroa do Rei Leão — Grupo Apuí

Repique — Grupo Popular do SESC

Apoio: MEC e Universidade Federal do Acre

Inscrições e informações : FETAC — Av. Rui Barbosa, 188 — Centro

De 7 às 12 horas

Teatro de Arena do SESC

De 13 às 19 horas, com Zê Antônio

Cena de "Rua do Lixo 24" — Grupo Popular do SESC.

Campanha "Teatro Acreano no Paraná"

Os grupos de teatro Sacy, 4º. Fuso e Grupo Popular do SESC, participarão do IX FESTIVAL NACIONAL DE TEATRO AMADOR em Ponta Grossa, no Paraná. Juntos vão fretar um ônibus que lhes custará 500 mil cruzeiros. Para cobrir essa despesa, lançaram a campanha TEATRO ACREANO NO PARANÁ. Contam com o apoio de órgãos municipais, estaduais e federais, bem como do comércio local e da comunidade. Qual-

quer pessoa pode colaborar, doando 10 cruzeiros. Eles percorrerão escolas, igrejas, bares, praças e mercados, pois estão realmente dispostos a chegar até ao Paraná. O Festival será realizado de 2 a 9 de outubro. Sairão de Rio Branco dia 20 de setembro, e no dia 29 farão 2 espetáculos com ingressos a 500 cruzeiros. Quem assistir aos trabalhos, estará ao mesmo tempo ajudando o teatro acreano.



Cena de "A bruxinha Dorotéia" — Grupo Semente.



Cena de "Verde que te quero vivo" — Grupos Sacy e 4º. Fuso.

Educação infantil é questionada

Atualmente a quantidade de material divulgando e informando sobre a educação dos filhos, a quantidade de livros, revistas, artigos sobre a psicologia e pedagogia infantil, traz aos pais uma gama de informações e questionamento sobre como educar as crianças.

"O meu filho vive me pedindo prá comprar uma roupa de Batman. Um dia subiu na janela e pulou lá de cima, achando que era o Batman". Marluce Alves.

Para uma análise mais profunda sobre a educação infantil, deve-se considerar o papel da televisão.

Bruscamente a fantasia infantil é invadida pelos superheróis americanos. A ideologia norte-americana, através dos programas e filmes que a TV brasileira importa, aliena a criança da sua realidade, não permite que ela use a sua criatividade e viva a sua livre fantasia.

Aqui no Acre a interferência da TV foi muito forte. De repente, a criança amazônica, acostumada com os sacis pererês, mapinguaris e anõezinhos da floresta, deparou-se com seres que voam, mecânicos, como homem-aranha, mulher-maravilha e o homem de cem milhões de dólares, com todo um aparato eletrônico muito diferente do mundo que a rodeia.

A televisão impõe às crianças e adultos, necessidades incompatíveis com a realidade, causando frustrações, roubando às crianças as suas brincadeiras, e influenciando-as a comportamentos violentos. Além disso, a transmissão em massa cria sentimentos, idéias e comportamentos robotizados, ocorrendo daí, a marginalização daqueles que não possuem um aparelho de TV. Quando alguém propõe uma brincadeira, na escola ou na rua, a criança simplesmente imita aquilo que vê na TV. Para as crianças que não assistem aos programas, fica difícil participar da brincadeira. Por esse e outros motivos, cria-se a necessidade nos pais de adquirir uma televisão.

A BABÁ ELETRÔNICA

Muitas mães recorrem à televisão para se verem desocupadas de seus filhos. É bem cômodo para as mães e babás verem suas crianças quietas, hipnotizadas frente ao vídeo, pois assim não lhes dão trabalho. Mas enquanto as crianças estão nesse quadro de apatia, não vivem experiências que ajudam ao seu desenvolvimento, como brincar com argila, correr, nadar, pintar, cantar, etc... A "babá eletrônica" rouba das crianças hábitos de leitura e outras formas de conhecimento, além de criar com



Era uma vez... e a imaginação voa... entra pelos portões dos palácios onde vivem belas adormecidas e príncipes heróis...

os comerciais de brinquedos eletrônicos, uma desvalorização das brincadeiras inventadas por elas próprias, fazendo-as desejar apenas os que são mostrados no vídeo. Assim, em vez da boneca de pau e pano, a menina prefere bonecas que andam, falam, mamam, fazem xixi, caríssimas e que incentivam ao consumismo.

NO REINO DA FANTASIA

Era uma vez... e a imaginação voa... entra pelos portões dos palácios da Idade Média, onde vivem belas adormecidas e príncipes heróis, que cavalgam vistosos cavalos cobertos de ouro, quase sempre acompanhados de seus fiéis criados, e que saem a enfrentar bruxas e dragões,

com o objetivo de salvar lindas donzelas e sempre indefesas mulheres: as princesas que são dadas como prêmio pela nobreza e coragem.

Sutilmente nas entrelinhas das histórias da Caronchinha, os valores da moral burguesa são reproduzidos, geração após geração. A criança começa a torcer pelo príncipe, a sonhar com castelos, a admirar a nobreza e a imitar a proeza dos heróis.

Através dos séculos as histórias infantis reproduzem o machismo, na figura do príncipe herói e na fragilidade da donzela indefesa; a discriminação da velhice na figura feia e má da bruxa de nariz curvo e cara enrugada que prendeu João e Maria; a servidão e o racismo na

história de Aladim e sua lâmpada maravilhosa.

Em nenhuma história, fábula ou brincadeira, os problemas são resolvidos pela criança — o sujeito passivo. A solução sempre é dada por um ser autoritário, mágico, dotado de "poderes". Não é permitido questionar, propor, discutir e nem criar. Tudo já vem pronto.

A repressão e valores burgueses estão refletidos em algumas brincadeiras de roda:

Marcha soldado
cabeça de papel
se não marchar direito
vai preso no quartel

Eu sou rica rica rica
de marré marré marré
Eu sou pobre pobre pobre
de marré descer.

QUAL É A DO PAI?

É preciso muita presença de espírito e disposição, para furar o bloqueio da ordem vigente. Ninguém se arrisca a inverter os costumes, sob o risco de se marginalizar do meio social.

Mas isso foi o que Yoko Ono, mulher do beatle John Lennon, fez ao nascer o primeiro filho do casal: "Eu carreguei a criança nove meses, agora é a sua vez..." E foi assim que Lennon — falecido recentemente — ficou encarregado de toda a trabalhadeira que cai sobre as mães dos recém-nascidos: trocar fraldas, olhar a hora de alimentação, acompanhar atentamente a criança todas as horas do dia (e às vezes, da noite). E ele o fez muito bem, durante vários meses. É claro que ela esteve presente o tempo todo, mas ele foi o maior responsável.

Mas quem foi John Lennon, antes de ser um "novo pai"? Ao que parece, uma pessoa profundamente preocupada com a ecologia, com os rumos que a violência tem tomado neste planeta, além de um excelente músico e compositor, dotado de extrema sensibilidade.

Para os homens sensíveis, também é difícil adaptar-se aos padrões perpetuados pela nossa sociedade: de machão, de pai de família, de

autoridade do lar, etc. No entanto, a grande maioria dos homens no mundo inteiro, adapta-se muito bem ao papel do macho, do chefe da família. Afinal, são longos séculos de condicionamento nesse sentido.

Mudar tudo isso não é fácil, nem pode ser rapidamente. Há cerca de 10 anos, intensificaram-se por todo o mundo os movimentos feministas. As mulheres começam a se organizar para inverter o processo. É possível que essas pessoas combativas estejam percebendo que a sociedade continua produzindo violência, continua incapaz de dar fim à neurose generalizada e às profundas injustiças sociais, porque a formação das pessoas continua a mesma, séculos após séculos.

Já é bastante conhecido o profundo autoritarismo que marca a família brasileira, desde a colonização. E também, a consequente opressão que paira sobre as mulheres, impossibilitadas de ampliar seu campo de atuação dentro da sociedade. Nem tanto pelas barreiras que ela encontra no lado profissional, e mais pelo fato de que sobre ela pesam as obrigações familiares — como o controle doméstico e a educação dos filhos.

Enquanto a mulher desenvolve atividades fora do lar,

por mais realização que consiga em seu trabalho, continua às voltas com problemas relacionados à sua casa e filhos. Por que essas responsabilidades não são divididas com os homens? O que os livra das suas obrigações para com a educação dos filhos? Existem maridos que provocam brigas homéricas, por causa de uma camisa de sua preferência que não se encontra lavada... E as refeições têm que ser conforme seu gosto. Na casa, todas as coisas, antes de tudo, têm que se acomodar ao temperamento e à preferência do homem.

Estará para acabar o reinado do macho? As mulheres, já começam a questionar toda essa situação e a fazer sérias advertências aos homens, pressionando-os a mudar. Hoje, quando elas lutam pela liberação do aborto, lutam pelo direito de optar. Afinal, "ser mãe" já perdeu há muito o seu traço romântico, por causa das inúmeras pressões sociais e econômicas. A servidão da mulher enquanto procladora e maior responsável pela educação dos filhos, começa a ser fim. E os filhos dessas mulheres começam a sofrer as novas influências, e constituem portanto, um embrião da nova sociedade que já está surgindo.

Vem a rica e pede à pobre uma filha para criar e esta ainda manda a rica escolher: "escolhei a qual quiser" e "que ofício das a ela?". Isso quer dizer que a rica determina o ofício da filha da pobre.

CRIANÇA NÃO PODE PENSAR

"Menino não fala em roda de adulto", "criança não tem querer", "criança não fala na mesa", criança não pode pensar.

A relação dos adultos com as crianças é sempre desprovida de respeito por parte dos grandes. A dominação e a repressão são refletidas na educação, onde as crianças se tornam completamente indefesas e crescem inseguras. Suas referências são as autoridades, e para se libertar do autoritarismo, lançam mão de estratégias agressivas e dolorosas.

A relação entre pais e filhos é marcada por muita repressão. Os pais já foram crianças e a sua formação foi de "dominados". Eles reproduzem essa mesma relação durante a educação de seus filhos: o castigo, a peia e as ameaças, são fatores constantes na educação infantil.

"Era eu e um bando de crianças, minha mãe era muito braba, eu fugia muito de casa para brincar, quando chegava apanhava que só. Eu pensava que existia papai noel, até que um dia uma velha disse que era mentira. Metiam medo com o bicho papão e uma tal de mula do padre; quando eu apanhava ficava com muita raiva". Joãozinho.

O gostoso na infância de roleques de quintal, de roubar mangas nas mangueiras do vizinho e de chegar molhado de banho de chuva ou rio, é barrado pelo frio na espinha ao ver o cinturão, o couro ou a palmatória esperando na mão do pai ou da mãe. À noite, ficam todos quietinhos, agarrados no rabo da saia da mãe, com medo do bicho papão, do escuro e do papa figo, do velho que come figado das crianças que não obedecem aos pais ou que mijam na cama. Esses são os monstros criados na fantasia infantil para reprimir. Essa foi uma das formas que a classe dominante encontrou para enfraquecer as pessoas, sejam crianças ou adultos. É o medo que está nas visagens e assombrações do folclore trazido pelos colonizadores.

Brincar de esconde esconde, descobrir e conhecer seu próprio corpo, sentir com as mãos e os sentidos o amiguinho ou a amiguinha, sem a culpa do pecado, toda essa soltura e descobertas são reprimidas por imagens impostas por uma sociedade de valores morais caducos.

Mini-usina pode esvaziar sindicato

O comentário corrente no meio rural acreano é de que as Associações de Seringueiros das mini-usinas de beneficiamento de borracha poderá se transformar em mais uma das medidas oportunistas do governo para esvaziar o movimento sindical no campo. No Acre, esse sindicalismo encontra-se bastante fortalecido

Contando com o apoio de toda a máquina administrativa e financeira do governo federal, o superintendente da Sudhevea (Superintendência de Desenvolvimento da Borracha), José Cesário de Meneses, chegou este ano ao Acre prometendo levar a redenção e a libertação aos milhares de seringueiros acreanos.

Recebido como um verdadeiro herói pelos políticos e governo do Estado, de quem recebeu recentemente, numa pomposa solenidade, o título de cidadão acreano, José Cesário não mediu esforços para chegar até aos confins dos seringais do Acre. Em seu jatinho bem equipado, ele iniciou então verdadeira maratona pelo interior do Estado visitando palhoças, seringais nativos, de cultivo e áreas potencialmente produtoras de borracha.

Sempre fazendo questão de ressaltar que todo esse esforço despendido é feito em função de sua dedicação especial para com a profissão de "homem público", José Cesário a todos atendia e saía prometendo que os problemas dos seringueiros seriam resolvidos, pois a Sudhevea estava ali para zelar pelos seus interesses. Depois do "afetuoso abraço", José Cesário distribuía a cada um dos seringueiros seu endereço particular. Todos podiam telefonar para ele que logo teriam seus problemas resolvidos.

Essa tão propalada dedicação do superintendente da Sudhevea, no entanto, não surtiu até agora qualquer benefício real para o seringueiro. Isto porque depois dos festivos "tapinhas nas costas", os seringueiros continuavam lá no seu seringal, sendo vítima do marreteiro, do comerciante, do seringalista e de toda a rede de agentes que lucravam em cima do seu produto.

A redenção anunciada por Cesário tratava-se da instalação nos seringais do Acre das tão propaladas mini-usinas de beneficiamento de borracha. Cesário



Para formar a Associação de Seringueiros da Mini-Usina de borracha a Sudhevea não fez sequer uma consulta aos sindicatos de trabalhadores rurais

garantiu que iria instalar 100 mini-usinas este ano e mais 150 no próximo ano. Daí pra frente o seringueiro, no entender dele, ficaria independente financeiramente, podendo viver mais humanamente junto com a família. Já estamos em setembro e não foram instaladas nem 40 mini-usinas.

O superintendente da Sudhevea, com o passar dos meses, foi sendo contraditado pelos fatos que se seguiram às suas sucessivas e "honestas" promessas.

AUTORITARISMO BUROCRÁTICO

Para começar, José Cesário elaborou um Estatuto da Associação dos Seringueiros cuja maioria dos artigos são provas claras e concretas de autoritarismo burocrático que impera nos órgãos públicos brasileiros. Esse estatuto, através do qual o seringueiro poderá participar das mini-usinas, deixa a Associação das Mini-Usinas amarrada e atrelada completamente às decisões próprias

da Sudhevea. Só para citar um exemplo basta ver o artigo 42 do referido estatuto: "A Associação dos Seringueiros deverá obter credencialmente na Sudhevea previamente ao início de funcionamento e deverá obedecer todas as normas de controle por esta estabelecidas". O mesmo critério de autoritarismo está presente nos artigos 24, 40, 41, 43 e 44.

Sobre a formação dessas associações, o erro mais grave da Sudhevea, e que prova todo seu autoritarismo e manipulação, se deve ao fato do órgão não ter feito qualquer consulta aos sindicatos de trabalhadores rurais antes de executá-los. Os sindicatos rurais do Acre, formados em maior parte por seringueiros, não receberam nenhuma consulta e muito menos foram ouvidos na defesa dos interesses de seus filiados.

O outro erro grave da Sudhevea foi ter permitido a aprovação do descabido plano de financiamento das mini-usinas, aprovado recen-

temente pelo Banco Central do Brasil. Através deste plano, os seringueiros associados de uma mini-usina terão de arcar com 35% de juros e um prazo de 10 meses para pagar a construção dessa unidade de beneficiamento de borracha. Essas condições de pagamento foram consideradas, inclusive por técnicos de planejamento do governo do Acre, "completamente absurdas", tendo em vista o baixo poder de recursos dos seringueiros. Além disso, essa modalidade de financiamento se torna seguramente mais onerosa do que os mais dispendiosos créditos feitos pelos bancos privados nacionais. E fica muito além dos juros de 8 a 15% que são concedidos pela própria Sudhevea para os grandes seringalistas plantarem seringais de cultivos na Região Amazônica.

O superintendente da Sudhevea não parou por aí. Embora sempre desmintasse "categoricamente", a Sudhevea, na época de aprovação do terceiro Programa de Incentivo à Produção de Borracha (Probor III), deu prioridade aos estados do Sul do País em detrimento aos tradicionais estados produtores da Amazônia. A prova disso está no recente processo de substituição das culturas agrícolas de São Paulo. Grandes áreas de café estão sendo desativadas para dar lugar ao plantio de seringueiras. Hoje, em São Paulo, já existe um pólo de plantio de mais de 100 mil seringueiras. Para o Acre, Estado que sempre se constituiu no maior produtor de borracha do País, restou apenas uns minguados 2 mil hectares, onde serão plantados seringais de cultivos por empresários do Sul do País.

Toda essa desconsideração e falsidade do superintendente da Sudhevea vai resultar efetivamente no maior empobrecimento do seringueiro, que já não suporta pegar as migalhas dos programas milagrosos que o governo federal envia todos os anos para a Amazônia.

A luta de VARADOURO também é sua luta.
Faça uma Assinatura de Colaboração
Acre — Cr\$ 400,00 (6 edições)
Outros Estados — Cr\$ 800,00 (6 edições)
Remeta um cheque comprado ou vale postal
em nome de: Macauã Produções
Gráficas e Publicações Ltda.
Caixa Postal 354 69900 Rio Branco — Acre

M. FLEMING
CHIQUILITA
Representante do material
XEROX só com CHIQUILITA
Av. Epaminondas Jácome, 539
Tel.: 224-4149

Comunidades de Base: 10 anos

Maria de São Pedro, Faustino, Virgínia, Pacífico, Amâncio, Nilson, Asfuri no bairro da Estação Experimental. Piauí, Guilherme, Isa, Silvana, Neusa no Quinari, Luisina, Stéfano, Carlos, João no bairro Seis de Agosto. E dom Giocondo Grotti.

A história dos Dez Anos das Comunidades Eclesiais de Base da Prelazia do Acre e Purus começa com esta gente, em 1971. Maria de São Pedro ainda lembra como tudo começou:

— A primeira reunião que nós tivemos foi com o padre Pacífico na Estação Experimental. Era o Zé Dourado, o Amâncio e eu. Depois vieram outras reuniões e outras pessoas. Nas primeiras reuniões, as perguntas saíam das próprias famílias: como era a vida da gente, como a gente vivia, quais eram os nossos problemas. Depois a gente fazia preces sobre a vida da gente. Eu nem sabia rezar. Aos domingos a gente ia visitar o povo do bairro, os hospitais". Piauí lembra também como tudo começou lá no Quinari:

— Nós começemo nossa comunidade através de umas voluntárias italianas que vieram trabalhar com nós. Nós rezemo nas casas umas novena pelo mês de maio. E nós, como já estava no costume velho de rezar novena, quase ninguém ignoremo. Mas depois que rezemo as novena do mês de maio, elas começaram a falar prá nós de uma história de monitor. Eu fiquei admirado com a história do monitor, não sabia nem o que era monitor. Ai elas convidaram nós prá se ajuntar. Fazer aquele grupozinho e pegar a ler o Evangelho. Entonce nós come-

cemo aquele grupozinho de pouca gente. Isto foi em 1971, até que chegou o dia delas fazer o convite prá vir em Rio Branco. Convidaram 14 entre homem e mulher. E nós viemo fazer o treinamento. Passamo dia e meio".

D. Giocondo Grotti, que morreu em setembro de 1971, num desastre de avião perto de Sena Madureira, falava dessa nova Igreja que estava nascendo no Acre, com entusiasmo:

— Bem vindos à minha casa. E se vos acolho em minha casa é porque realmente estou apoiando o trabalho de vossas comunidades. Na qualidade de bispo recebo o vosso compromisso de vos tornardes verdadeiros animadores de vossas comunidades".

O resto da história é mais ou menos conhecida. Com o apoio de dom Giocondo, dos padres e depois de dom Moacyr Grechi, os monitores (os líderes das comunidades) saíram por esse Acre afora, nos bairros da cidade, nas colônias, ao longo dos rios e seringais... Atualmente, a Prelazia do Acre e Purus conta com: 1 mil grupos de evangelização, 1 mil 200 monitores, 400 catequistas, 70 grupos de jovens, 130 centros comunitários, 200 coordenadores de comunidade.

Ao longo desses Dez Anos, a Igreja mudou e já não é mais como antigamente:

— Me alembro — diz uma mulher que participa da comunidade — que ser da Igreja antigamente era só ir à missa. A gente não fazia nada, não entendia nada... Ia a missa e voltava prá casa desobrigada e cada qual continuava a cuidar de si sem se importar com mais ninguém. Deixava pro padre pensar e



Marco Antônio

A primeira Comunidade que começou a funcionar no Acre foi a do Quinar

decidir tudo". Aos poucos, até os padres mudaram. Piauí conta como agiam os padres antigamente:

— Antes os padres, quando iam fazer uma desobriga nos seringais, iam prá dentro da casa do patrão. O seringalista era quem convidava os seringueiros para comparecerem em sua casa, quando o padre passava. Os padres não falavam em posse de terra, só davam razão e elogiavam os patrões".

Formada por gente simples, pobre e explorada, a nova Igreja que nasceu no Acre, nasceu com a fé comprometida com a luta do povo. No início, antes mesmo que surgissem os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, as Comunidades de Base já enfrentavam o problema da terra, que começou a surgir, no Acre, com a chegada dos compradores do-Centro-Sul do País. Quando chegaram os sindicatos, o terreno já estava preparado. No início, os fazendeiros e grileiros levaram certa vantagem:

— Muito companheiro fugiu para a Bolívia ou veio prá cidade. Outros ficaram mais por teimosia. O fazendeiro sempre em cima da gente, acoxando. Nós não sabia de leis e não estava todo mundo unido. Mas esse tempo já era. Agora que estamos unidos é o fazendeiro que está com medo".

Ao longo desses anos todos, as comunidades de base e sindicatos inventaram e reinventaram suas formas de resistir e lutar contra a ganância dos "paulistas" de olho grande em suas terras. Surgiram os "empates", descobriam maneiras de se organizar em pequenos grupos para comprar e vender em comum e em algumas áreas recuperaram a prática do "adjunto" ou "mutirão". Ivanildes, uma líder da comunidade, que atua na área do seringal Catuaba e com os ribeirinhos do rio Acre, conta como surgiu o "mutirão":

— Depois da comunidade já formada, surgiu a necessidade de o pessoal trabalhar em comum. Foi discutido no grupo, depois na comunidade inteira. Os homens assumiram de fazer o mutirão. O pessoal se reunia aos domingos, via qual era o trabalho da semana e marcavam o dia. Trabalhavam junto e tinham bom proveito. Também as mulheres resolveram. Se ajuntam mais de dez em grupos e todo mundo vai lá. Aquilo é muito animado. Como as pessoas rezam em comum, também devem trabalhar em comum".

Na cidade não foi diferente. De tanto se reunir para rezar, o povo foi descobrindo as maneiras de se organizar para resolver melhor seus problemas. As lavadeiras, por exemplo, fundaram sua Associação. No bairro do Triângulo Novo, as famílias enfrentaram a polícia armada e resistiram ao dono do terreno que pretendia expulsá-las da área. No bairro da Bahia, a mesma coisa. Havia, um terreno baldio dando sopa, com tanta gente sem casa e sem condições de pagar aluguel. A comunidade resolveu aproveitar melhor a área. Houve ameaças, mas a comunidade venceu, conquistou e construiu um novo bairro. É verdade que esta conquista custou a vida de um de seus melhores líderes, João Eduardo do Nascimento.

Estes são alguns dos capítulos mais importantes dos Dez Anos das Comunidades Eclesiais de Base da Prelazia do Acre e Purus. Dizer que a Igreja, pelo menos no caso da Prelazia do Acre, "retarda" ou "entruva" o processo das lutas populares é repetir jargão surrado de intelectual que não está com os pés na terra. No Acre, essas comunidades sempre estiveram na raiz e à frente dos poucos movimentos populares consequentes que surgiram ao longo desses anos.

TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DOIS-OCEANOS LTDA.

Segurança e Eficiência

Matriz: Av. Dr. Pereira Passos, 100 — 2º. Distrito — Rio Branco — Acre

Tel.: 224-1631 e 224-1632 Telex: 0682179 — Caixa Postal: 19

Filial São Paulo

R. Rodolfo Miranda, 370

Tel: 227-8668

Agência Porto Velho

Rua Buenos Aires, 3005-A

Tel: 221-5387

Agência Manaus • Av. Constantino Nery, 2218. Tel: 234-3139.

Esfrie a cabeça com SPRINGER.

REVENDEDOR EXCLUSIVO:

FARHAT E PAIVA COM. REP. IMP. E EXP.

Rua Marechal Deodoro, 600 — Tel.: 224-6531

ACV — O INCRIVEL AR-CONDICIONADO PARA VEÍCULOS

Instale no seu carro um Condicionador de Ar Springer com garantia de 6 meses ou 6 mil quilômetros e assistência técnica em todas as principais cidades do país.

Modelos para Fiat, Gol, Corcel, Belina, Chevette, Passat, Opala, Caravan, Alfa Romeo, Kombi, Dodge Polara, Dodge Dart, Galaxie e caminhão Mercedes Benz.

Lá fora a poeira das estradas — Aqui dentro a tranquilidade do papo.

Os paranaenses (expulsos) estão chegando



Seu Arnaldo é baiano de Santa Inez, tem 65 anos de idade, 30 dos quais passou no Estado do Paraná.

Sabe o que é que eu sinto aqui? É minha idade que já tá cansada. Se eu fosse um home mais novo um pouco, me parece a mim que ainda dava prá eu fazer um pezinho de vida. Mas eu tô achando muito bom, o clima muito bom. Pelo meno prá mim... Agora, já tá meio passado do tempo de derrubar o mato. É como diz o caso, o que a força der, o que nós puder, nós faz este ano. Agora se não der mais tempo, Deus ajuda que o ano que vem a gente tá mais alicerçado; aí a gente pega em tempo... A nossa dúvida foi só lá os home da Itaipú. Eu julgo assim porque eles falou uma coisa e quando acabou que chegemos aqui, é outra. Eles falaram lá que a gente chegava aqui e eles ia mostrar o lote da gente, as gleba tudo certinho. Quando chegasse já podia ir na serraria e já vinha o madeiramento cortado tudo certinho. Já punha cada um tudo no lugar de fazer suas casa. Podia até pegar as madeira memo que tivesse nos lote da gente e interessasse, a serraria com-

prava tudo. Falaram também que achava dois alqueire de terra já desmatado. Uma fofoca medonha! Eles falava e fala ainda. Agora, tem colega aí que vai por na rádio, numas treis ou quatro rádio. Vai por em Cascavel, em Médianeira, em Matalândia, que tudo que os doutore lá da Itaipú publicou, tudo é mentira. Agora vai ficar é bonito prá eles. Até o INCRA memo pode falar também. Porque o que eles falaram prá essas 18 família, é muito da mentira. Que nem eu já falei pro Dr. Antonio, já conversemo, por causa que nossa indenização ficou prá traz. Viu, até isso. Disse que nós chegava num dia e como no outro já podia receber. Teve gente que já recebeu tudo. Pois bem, nem eu nem meus filho recebeu, nem o amigo ali não recebeu nada. Tamo esperando ver se Deus ajuda que chegue, pois aí a gente anima mais, pode fazer uma comprinha boa, põe dentro de casa uma comprinha prá uns treis, dois mês. Hoje memo eu fui lá na sala do Dr. Antonio. Conversei com ele: olha doutor, vamo dar um aviso;

quanto mais breve melhor. Dá um apuro nessa firma de lá, prá vir logo essa indenização nossa. Porque nós precisa, nós vai pro mato sem réis no bolso. Ele disse que vai dar jeito... Agora, lá no Paraná eu peguei uma fazenda de um home prá abrir, e no fim o que ele me deu foi pau na cabeça. Porque ele foi me apurando, me apertando, tirou eu da sede que eu fiz, me pos eu no sítio, num sítinho pequeno, já pertencendo a Itaipú. Aí nós foi tocar lavoura de fumo e quando venceu os treis anos, mas treis ano falado de boca, né, quando é agora que venceu, ele disse: bom, agora num vou mais tocar lavoura de fumo e vocês dá o jeito de vocês. Aí o que é que eu ia fazer? Num tenho terra, num tenho nada, jeito é ir caçando jeito e se virar. Lá no Paraná num tinha nada, lá o senhor sabe, lá tudo é os fazendeiro, lá é só fazendeiro. Aí apareceu esse negócio da Itaipú, aqueles desabrigado que vinha aqui pro Acre. Aí nós metemo a cara. Minha família tudo tá aqui. Tenho treis rapaz que é solteiro, mora junto comigo dentro de casa, e a minha velhinha. Mas enquanto eu tiver vida, eu quero mexer com o corpo... Esse próprio patrão nosso me fez umas proposta. Que no fim podia até me dar uns dois ou treis alqueire de terra prá eu mais minha família. Me prometeu o mundo e o fundo. E no fim o que ele me fez foi prometer o despejo. Há 12 ano trabalhando nessa fazenda... Quando eu entrei era mato assim... Eu quem fiz as estrada, tudo a prumo do meu braço. Eu mais meus filho. Prá ele andar de Passat muito bacana e ainda achava gostoso. No fim ele até mandou eu percurar os meus direito... mas lá por aquelas banda, quem tem dinheiro é quem ganha a questão. Quem num tem, pode ele tá coberto da cabeça aos pé, que num cata nada.

Eu vou contar: desde quando eu baixei no Paraná, que eu tô só sofrendo e abrindo terra pros outro. É só sofrendo e trabalhando perdido. De 68 prá cá, eu desmatei treis fazenda, treis terreno dos fazendeiro. Bom, já de Minas nois veio empurrado por fazendeiro. Porque eles só queria saber de plantar capim, criar boi. E vamo saber que tudo que o cara gasta na cidade vai tirado da roça memo, né. Se num planta num tem. Agora vamo fazer o que? O cara que tinha 10 alqueire, os fazendeiro foi comprando e empastando. Quem tinha 20, comprando e empastando. E daí viemo pro Paraná: do mesmo jeito! É mecanizando. Só soja e nada mais. Agora, o cara vai viver só de soja? Ele vai só beber óleo? Precisamo plantar feijão, milho, arroz, batata — o que precisar, né. Aí eu falei: pra mim num serve mais. Num adianta, porque quando o cara é um miúdo e arrenda 10 alqueire pra poder trabalhar, é preciso de tudo quanto é inseticida, financiamento de semente. Quando liquida, 60% — nós fez a conta — já ficava só nos financiamento de despesa e veneno e mais uma coisa. O que é que

Itaipú parece ser apenas mais uma etapa na vida de muitos brasileiros que trabalham na terra. Hoje eles são obrigados a andar cerca de 4 mil quilômetros, porque suas terras serão inundadas, e no sul do país não existem condições para que o pequeno proprietário, o posseiro, o meeiro, o trabalhador rural, sobrevivam dignamente. Mas ninguém melhor do que aquele que vive uma experiência, para falar sobre ela. Varadouro ouviu alguns dos colonos que chegaram recentemente ao Acre, vindos do Paraná, para se instalar no Projeto de Colonização do INCRA — o Pad. Pedro Pelxoto. — E mais uma vez constatou que o povo tem uma clara percepção de seus problemas e, sobretudo, que tem consciência do papel que lhe foi reservado no processo histórico no qual vivemos. Com a palavra os "paranaenses" que, como se verá, fazem parte dos milhões de brasileiros que passam suas vidas vagando por este país a fora, em busca de um chão para viver.



lh... esparramou gente por esse mundão a fora. Prá todo canto tem gente que tava na Itaipú. (Seu Arnaldo).

vai sobrar? O cara, se ele num tem um trator pra tombar a terra, ele tem que pagar. No fim, fica passando é fome; necessidade. Agora, é impossível que nois vai sofrer mais do que sofremo lá pra dentro. Se for, então pode até morrer que não adianta mais. Porque a pior coisa é fazer igual aconteceu: eu cortei esses dois dedo lá na segunda fazenda que eu trabalhei no Paraná. Tinha dia que derrubava de machado e o sangue tava voando. E no fim, quando chega perto do fazendeiro: ó, preciso disso e mais isso, o cara fala: num adianta, num tem, num adianta. Porque lá tinha um homem e eu ainda fui falar pra ele: olha, o senhor podia dar essa renda que tem que pagar pro senhor, aí pra essa turma poder ao meno mudar. E ele: ah, não! De jeito nenhum. E aí eu falei: então não quer, não queira. Bom, agora aqui se ir tudo bem, tudo bem. Se mal também, quer dizer que se mandar nois mais pra frente, vamo indo, tem que acostumar. Num temo nada memo, então tem que acostumar. Eles prometeram pra gente que pode trabalhar contente, que num tem nada. Só que a gente já entrou aqui

e ficou meio cismado, porque tinha um negócio dumas posse aí. Me ponharam nesse mato e eu fiquei dois dia aí olhando onde é que tinha posseiro, onde é que num tinha. Os posseiro fizeram uns negócio aí, ponharam umas plaquinha aqui e ali, aqui e ali, e aquilo me botou cisma, sabe. Vamo ver o que é que vai dar, porque a gente num sabe. Num tem uma coisa esclarecidamente certa: se a gente vai colocar aí dentro do mato e ficar aí desmatando e ser o dono no fim, ninguém sabe, né. Bom eles garantiu pra gente, agora a gente num sabe. Disseram que só tem um vizinho desse aí, que faz vinte e poucos ano que mora aí. Era o único. Mas os outro tudo tinha aquelas placa como posseiro, mas nenhum mora aí dentro. Então o INCRA localizou nois aí e falou que pudesse tomar de conta. Porque então desse lote pra riba tinha um posseiro, mas num morava aí, e daqui pra baixo num tinha. Mas agora entraram aí e quebraram o marco do INCRA. Só pode ter sido eles porque nois num é possível que ninguém dos nossos ia quebrar. Tem coisa espatifado pra tudo quanto é lado. Se depois a gente



José também é mineiro e tem 25 anos de idade.

vai... numa comparação, igual eu tive conversando com os posseiro, o pessoal daí. Eu falei: eu num quero ficar prejudicado, saber que eu tô trabalhando e tem outro com a espingarda esperando pra poder matar. Se ele me toca, que seja lá pro fim do laço, mas num quero ficar prejudicado. Então o cara falou: daqui pra frente num tem. E aí eu peguei aqui. Mas já entraram lá e quebraram o marco. Agora, na hora que chegar e falar — sai — se precisar, tamo saindo, porque não vamo enfrentar confusão. Eu ainda tava conversando com o pessoal aí, que a gente ir enfrentar uma coisa, pra depois enguiçar com os outro, num adianta. Onde é que achemo, deixemo. Agora, uma coisa eu já expliquei. Falei: pode apresentar quem for dono aí, mas agora temo que ir lá no INCRA e por o negócio no limpo. Também não vamo sair correndo de qualquer jeito. Porque aí também é triste a pessoa enfrentar igual nois já chegou aí, um pouco já adoecedu, um até endoidou dentro do ônibus, lá no Abunã. Foi um paranaense que tava dentro do carro e enlocou. Tava quebrando tudo a pés. Ele tava com a família, até uma família grande, duns 10 ou 11. Diz que ele já era um pouco da idéia meio ruim, mas ele parece que ficou preocupado com a mudança. Aí ele só queria saber de quebrar as coisa. Só com muito jeito é que melhorou. Depois que chegemo levaram ele pro Rio Branco e até ontem ele ainda num tinha voltado. Agora vamo se bater pra ver o que é que a gente vai fazer. Quer dizer que vamo dando pancada nos pau aí. E vamo ficar por aí, até ver o que é que a gente vai conseguir mais pra frente: se melhora, ou se vai ficar do memo jeito que tá, ou se vai ficar mais ruim. Mas a esperança é que vai melhorar.

Numa parte eu acho muito bão vir aqui pro Acre, porque nós antes morava nas terra dos outro. Aqui a gente vai ter um pedacinho de terra da gente, né. Agora, eu mesmo já sofri uma malária. Sai lá do Paraná na primeira caravana, dia 23 de junho. Aqui eu fiquei uns par de dia com um apetite danado. Comia quatro veis. Tava achando bão; e tô achando bão. Mas depois ela me atacou. Começou doendo a cabeça, depois passou prá junta do braço, das perna e virou aquela coisa. Fiquei sem coragem de levantar. Sexta-feira tava brocando mato aí, mas na pura opinião. Quais num guentando. Dia de sábado eu já num guentei trabalhar. Aí eu fui prá cama direto. Quando foi dia de domingo, já bateu uma tremedeira. Afundei debaixo do acolchoado e da coberta, e aquilo me tremia até o coração. Agora, é que eu aprumei um pouco. Hoje é que eu tive coragem ao meno de andar. Agora tem uma outra mocinha aí, tá deitada, de cama. Num sei como é que vamo fazer não. Desconfio que é malária também, porque é só deitada. Tem hora que ela treme bastante e veste blusa e deita debaixo do cobertor e se cobre bem. Mas se Deus quiser, a gente vai vencer isso tudo, né. A gente tá

acostumado a sofrer mesmo. Lá no Paraná dá muita doença feroz também. Eu tinha muito medo de vir aqui pro Acre. Eu tinha vontade de vir pro sertão. Disse que a terra era muito boa, dava de tudo, mas disse que malária dava até nos bicho que tinha no mato, e eu tinha cisma. Disse que cobra tinha uma pindurada em cada pau. Quando nois veio prá aqui, a gente num tava aguentando é essas caba que a turma fala. Tinha veis que eu ficava quais sem poder enxergar, de tanto que tinha. Era no rosto, nos óio, era gritando, chorando, dava até dó... Já vim rodando desde o Estado de Minas e vim parar aqui, no fim da picada, pode dizer. Quando eu vim de Minas pro Paraná, eu tinha 13 anos. No Paraná eu peguei desde quais a divisa do Estado de São Paulo, e fui parar lá na divisa do Paraguai trabalhando. Entrava numa fazenda, derrubava, aí trabalhava treis, quatro ano, precisava de sair, mudava prá outra, precisava de sair de novo. Portanto, nessa área da Itaipú eu falei que se não fosse prá receber um pedaço de terra que era de ser meu, eu num ia mexer com lavoura em terra de ninguém não, porque a gente fica acabando o resto da vida da gente prá poder encher a barriga dos outro.



Me falaram que no tempo da chuarada esse lote alaga demais. Mas tá bão assim memo. (José).



Tô com 65 ano e nunca possui terra. (Seu Arnaldo).



Aquela usina lá, vai ser ocupada por vários Estados, né. É muito grande. Vai ser a maior usina do mundo. (José).

Classificados

Indicador Profissional

MONTREDESEL

DISTRIBUIDOR DE PEÇAS E MOTORES LTDA.

Peças para motores Tietê, Agrale, Yanmar, MWM, Montgomery
Praça da Bandeira, 23 Rio Branco — AcreLivros Técnicos — Didáticos
— Política — Ciência — Arte
Av. Ceará, 1240 Rio Branco — AcreUma empresa de bons serviços prestados ao Acre
Subempreiteira de obras, reparos e conservação
em geral
Fornecimento de mão-de-obra.
Reparos e conservação de casas
Rua Rui Barbosa, 72 — Fones: 224-5748 —

Seja bem vindo a Rio Branco
Hospede-se no RIO BRANCO HOTEL

Direção de Waldir Pinheiro Nunes

Com os melhores preços

Rua Rui Barbosa, 193 — PBX: 224-1785 — Telex: 682197

MCM — **ARQUITETURA E ENGENHARIA LTDA.**

Trav. Benjamin Constant, nº 201
Fones: 224-6590 — 224-2428.

CONCESSIONÁRIO CHEVROLET VENDAS • PEÇAS • SERVIÇO

AUTOMÓVEIS • UTILITÁRIOS • CAMIONETAS • CAMINHÕES
RUA HUGO CARNEIRO, 73 - FONES: 224-1397 - RIO BRANCO - ACREImpressos em geral, Desenhos em Off-Set
A gráfica mais bem aparelhada do Acre
Ligue para 224-2332 e peça um dos nossos corretores, que você
será atendido imediatamente.

● DR. JOSÉ EMÍLIO MAGRO — CLÍNICA GERAL
E REUMATOLOGIA ● DR. MÁRIO GIL — CLÍNICA GERAL
E NEFROLOGIA ● DR. FRANCISCO DE PAULA — FISIOTERAPIA E REABILITAÇÃO
RUA MARECHAL DEODORO, 660 — IPASE — TEL: 224-1437 —
— RIO BRANCO — ACRE —

Pedro M. Cunha e Walter Montilla

Advogados

Atendemos causas trabalhistas

Rua Benjamin Constant, 100 Fone: 224-4648

**Dr. Mário
Maia**

Médico (CRM-AC 102)
Cirurgia Geral — Ginecologia — Anestesiologia
— Angiologia
(Cura Cirúrgica Radical de Varizes — Arterio-
riopatias)
Consultório: Av. Epaminondas Jácome, 231 —
Conjunto E (lado para a Floriano Peixoto, em
frente à Rádio Novo Andirá) Fone: 224-1267

CASAS MATOS

Estivas por atacado

Rodovia AC-40, nº. 1000 Fone: 223-3262

Rio Branco — Acre

Entregue suas encomendas

EXPRESSO REAL LTDA.

Ganhe Tempo e Dinheiro...

E Durma Tranquilo

Rua 17 de Novembro, 1269 — Tel: 224-1989

Rio Branco — Acre.

GRÁFICA AMAZÔNIA LTDA.

Impressos de qualidade

Impressão Gráfica e OFF-SET

Cartões — Convites — Calendários

Rua Cel. José Galdino, 328 — Tel. 224-4431

Rio Branco — Acre.

LOTEAMENTO JARDIM NAZLE

Vendas a vista ou a prazo

Lotes 12x30 na Avenida Ceará

Tratar na Av. Getúlio Vargas, 635 — Tel.

224-3557.

BADATE — Comércio e Representação Ltda.

Bijouterias — Armarinhos — Miudezas em geral

Venda por atacado

Praça da Bandeira, 325

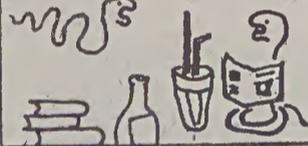
Casarão

Bar e Livraria

Av. Brasil, ao lado da Praça do CESEME

Centro

Rio Branco — Acre



Dr. Abel Rodrigues Alves

Advogado

Causa Cívica, Trabalhista e Criminais

Ed. Santos, Sala 207
Fone: 224-5031

**Dr. Atila Vianna
de Mattos**

Especialidade: Ginecologia e Obstetricia

Rua Marechal Deodoro, 660

Horário de Atendimento: Das 14 às 18 h.



Escritório de Advocacia

Antonio Rodrigues Barbosa e Marco A. N. Barbosa

Rua Benjamin Constant, 400 — Edifício Tânia

— Sala 103. Fone: 234-6710

M. Bezerra

Escritório de Contabilidade

Rio Branco: Ed. Tânia, Salas 107, 109 e 110 —

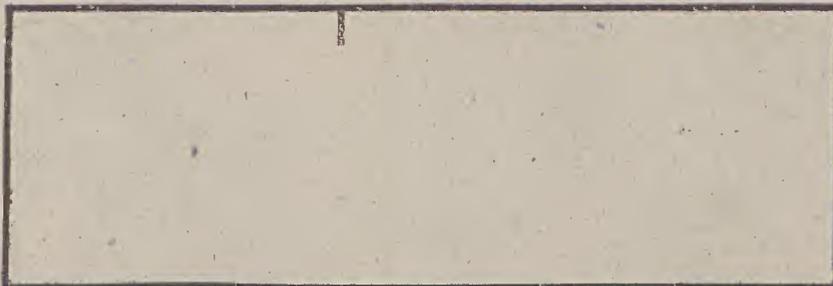
Fone: 224-6929

Sena Madureira: Rua Benjamin Constant, 176 — Fone: 332

BOLÍVIA À VENDA

THE WORLD'S LAST VIRGIN FERTILE LAND FOR SALE

Santa Cruz, Bolivia, South America



**BUY A MINIMUM 160 ACRE HOMESTEAD FOR ONLY \$5,900,
10% DOWN AND BALANCE WITH
EASY MONTHLY PAYMENTS AND LOW INTEREST.**

SANTA CRUZ, BOLÍVIA - BOOM TOWN OF SOUTH AMERICA
Santa Cruz de la Sierra, the heart of Bolivia's booming eastern department, holds the best investment opportunities among the vast yet unexploited virgin lands left in South America. Now is the prime time for solid land investments in Santa Cruz, still in the early stages of development.

BOLIVIAN GOVERNMENT WELCOMES FOREIGN INVESTMENT
Bolivia's anti-communist military government maintains a favorable business environment conducive to free enterprise. There is every indication that this government will remain in power. In view of this prospect, land values have already increased considerably. You obtain a free and clear title to your land the same as a local Bolivian citizen.

GREAT PROSPECTS FOR AGRICULTURE
Cotton is the prime cash crop. However, the Menonite farmers there find they get their safest return from soybeans, corn, wheat and sorghum. They also raise chickens, pigs, beef and milk cows, fruits and vegetables. They cultivate or use every square foot of their land, by planting rice in the low damp areas.

PIONEER ON YOUR HOMESTEAD
By pioneering we mean creating a survival/recreational farm, basically for fun but for the more serious possibility of survival if life in the industrial countries becomes extremely unpleasant. This means clearing ten acres for a home and garden site.

YOU MAY WISH TO LEAVE THE LAND IN ITS NATURAL STATE
Left in its natural state, the land is available to you and your family for recreational use. Just holding it could easily prove to be a good investment. Exploration and study would appeal to naturalists. There is a prolific bird life and many animals including the tapir, opossum, brown capuchin monkey, armadillo, anteater, agouti, gray fox, coati, ocelot, puma and jaguar. Almost all of these species are protected under Bolivian law. There is excellent hunting for the peccaries, both collared and white lipped, and deer, including the white tailed and the smaller brocket deer.

TO PURCHASE A HOMESTEAD
The first step is to decide on the size homestead you want; either 160 acres, 320 acres or 640 acres. These are the guaranteed minimum size. The homestead may be somewhat larger. There is no additional charge for this excess acreage. Send us the Application to Purchase you will receive in our information kit with the size homestead desired indicated along with your deposit of \$200. Upon receipt of your application and deposit, we will select the best homestead for you in the size you have indicated. We will then send you a detailed plan of your homestead, and your Purchase Agreement. You have only to sign the Purchase Agreement and send us the balance of the down payment, which is 10% of the purchase price less the \$200 deposit. For example: for a 160 acre homestead priced at \$5,900, the down payment is \$590, less the \$200 deposit, leaving \$390 due.

After signing the Purchase Agreement, you have one full year to inspect your homestead in Santa Cruz. If you are dissatisfied for any reason, or even if you just change your mind, every cent that you have paid in will be refunded to you, both principal and interest. There is, of course, no requirement that you visit Santa Cruz during the first year but we hope you will arrange to make the trip.

TO VISIT SANTA CRUZ AND YOUR HOMESTEAD
The easiest way is to fly to Miami, and then board the Lloyd Aereo Boliviano (L.A.B.) late evening 727 flight to Santa Cruz, arriving early the following morning. You may stay at the first class Los Tajibos Hotel, affiliated with the Holiday Inn, or any number of other good hotels. You will need your passport, but no prior visas are necessary for North American and European visitors. An international smallpox vaccination is required. Contact us in advance and we will be glad to make hotel reservations for you.

Thousands of Menonites have recently moved to this thriving rich agriculture area from Canada, Mexico and Paraguay.

The State of Santa Cruz is Bolivia's richest and biggest, with a population of around 700,000 and a third of the country's area.

Please write for our full information kit complete with pictures, maps and descriptive literature.

International Sales Representation Wanted

Mail this coupon for more information on Land For Sale in Santa Cruz, Bolivia.

Bolivian Land and Forestry Ltd.
Casilla No. 2369
Santa Cruz, Bolivia

Gentlemen:
Please send me the information kit about Santa Cruz, Bolivia.

Name _____
Address _____
City _____
Country _____

"SANTA CRUZ, BOLÍVIA - CIDADE QUE CRESCE NA AMÉRICA LATINA"

Santa Cruz de La Sierra, no coração do Estado que mais floresce na parte oriental da Bolívia, oferece a melhor oportunidade de investimento entre as grandes áreas ainda não exploradas da América Latina. Agora é o momento para investimentos sólidos em Santa Cruz, que ainda está nas primeiras fases de seu desenvolvimento".

Isto equivale a dizer: compre logo, antes que a Bolívia seja dominada por estrangeiros.

E o texto prossegue: "O GOVERNO BOLIVIANO DÁ AS BOAS-VINDAS AO INVESTIMENTO ESTRANGEIRO.

O governo militar e anti-comunista da Bolívia mantém um ambiente favorável de negócios. Existem todas as indicações de que este governo permanecerá no poder. Em vista desta perspectiva, o valor das terras já aumentou consideravelmente. Você obtém um título de propriedade como qualquer cidadão boliviano".

O "governo militar e anti-comunista" a que o texto se refere, não passa de mais uma ditadura latino-americana e, como se sabe, bastante instável. Haja vista que decorridos pouco mais de 2 meses desde a publicação do anúncio, aquele governo já foi substituído por outro. Tão ditatorial quanto o anterior.

Mas o mais importante não é isso.

Reparem como o texto acima parece querer dizer aos europeus: não se preocupem, comprem suas terras na Bolívia, porque lá existe uma ditadura que está do seu lado e vai garantir que nada acontecerá à sua propriedade.

A propaganda continua, dizendo que existem grandes perspectivas para a agricultura naquela área, indicando que o algodão, feijão, milho e arroz, assim como a criação de animais domésticos e de gado e ainda as frutas e verduras podem ser desenvolvidas com grande sucesso.

E aí ela revela de forma direta e clara a importância de um investimento deste tipo:

"SEJA UM PIONEIRO EM SUA PROPRIEDADE"

Por pioneirismo queremos dizer que você pode criar uma fazenda para a sua sobrevivência e recreação; basicamente para o seu lazer, mas também para a possibilidade mais séria de sobrevivência, caso a vida nos países industrializados torne-se muito desagradável".

A poluição causada por um desenvolvimento industrial acelerado, aliada à escassez de terras produtivas, constituem pois um dos motivos fortes para que os europeus saiam por este mundo a fora em busca de terras.

Mas também existem outras razões: "VOCÊ PODE DEIXAR A TERRA EM SEU ESTADO NATURAL"

Deixada em seu estado natural, a terra estará disponível para você e sua família usarem em seu lazer. Apenas manter a posse da terra poderá transformar-se facilmente num bom investimento".

Ou seja, comprar para especular, para esperar que a terra se valorize, também pode ser uma boa razão para adquirir um pedaço da Bolívia.

E o texto prossegue falando dos pássaros e animais que ali vivem, das caçadas que se pode fazer — um paraíso perdido no coração da América Latina... E depois ele dá as dicas sobre como proceder para comprar uma propriedade. Elas são oferecidas em módulos de 65, 130 e 260 hectares, podendo porém serem adquiridas propriedades de tamanho maior. Finalmente, há as indicações sobre como fazer para visitar este Eldorado...

É por caminhos como este que nossas terras vão se transformando em verdadeiros enclaves de outros países. E observem que não são apenas as grandes empresas que cobiçam o nosso chão, pois anúncios deste tipo destinam-se ao europeu da classe média, sem muitas posses e propriedades.

O avanço multinacional sobre as terras do Brasil é um fato conhecido por todos que vivem na Amazônia. Não são poucas as denúncias sobre as grandes áreas adquiridas na região por grupos estrangeiros.

No Acre elas estão representadas pela Bordon, que possui terras no município de Xapuri.

Este interesse pela terra, da parte de empresas e pessoas dos países desenvolvidos, faz tanto mais sentido, quando se lembra as constantes advertências que se ouve sobre uma possível crise, num futuro não muito distante, na produção de alimentos.

Mais do que isso porém, a verdadeira razão para que essas empresas comecem a comprar terras, é o fato de que uma crise econômica mais geral e profunda vem se delineando, há alguns anos, no mundo todo. Ora, numa época de depressão, as pessoas deixam de adquirir carros, geladeiras, televisões, aparelhos de som, mas não deixam de se alimentar.

E depois, o controle sobre a terra ainda poderá vir a ser uma forma eficaz para garantir o controle político e econômico de certas regiões.

A natureza continua sendo a maior fonte de riquezas, a despeito do grande progresso tecnológico da humanidade. Além dos alimentos, é ela quem fornece matérias-primas e energia para movimentar as indústrias.

É assim que, às vezes de forma descarada, as terras do Brasil bem como de toda a América Latina, são apossadas pelos países desenvolvidos.

Vejam por exemplo o que publicou a revista Time, em sua edição n.º 24, de 15 de junho de 1981, a qual circula por toda a Europa.

Reproduzimos ao lado uma cópia de uma propaganda publicada pela revista. Vale a pena traduzir e comentar esta publicidade, para que se tenha uma idéia melhor sobre como nossas vidas estão sendo controladas de fora, a partir de regiões distantes e que apenas estão interessadas em seu próprio bem-estar.

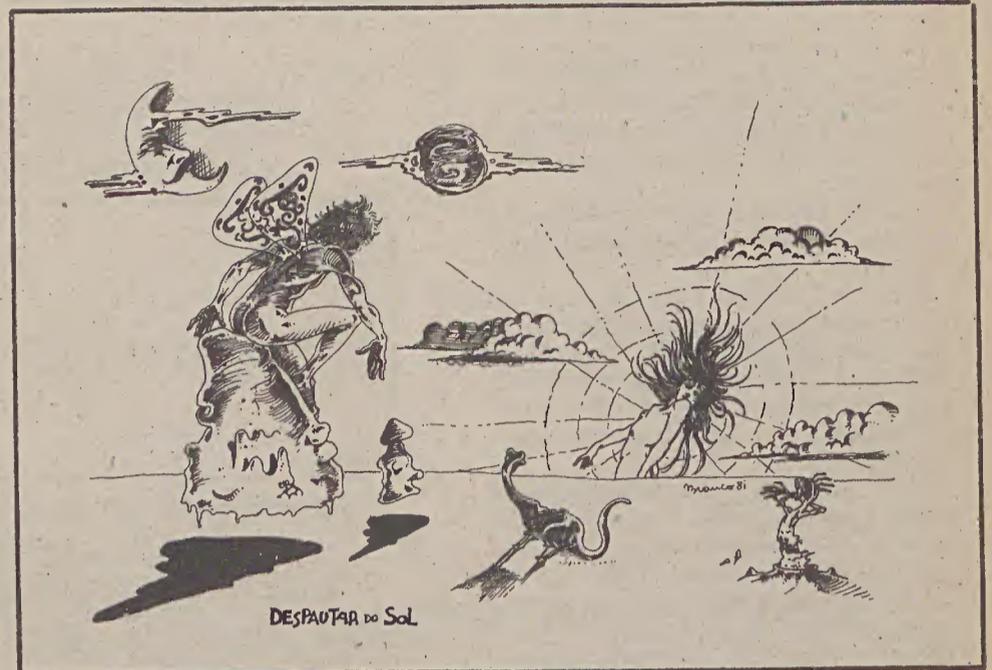
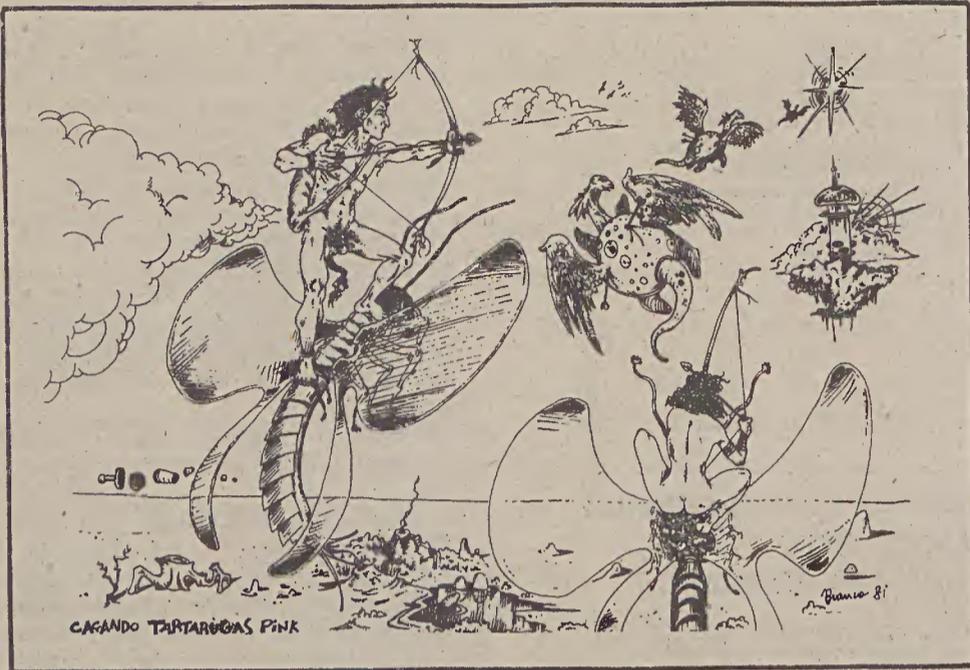
O título da propaganda é o seguinte: "A ÚLTIMA TERRA VIRGEM E FÉRTIL DO MUNDO ESTÁ À VENDA SANTA CRUZ, BOLÍVIA, AMÉRICA DO SUL"

Em seguida, um sub-título diz: "Compre uma propriedade de pelo menos 160 acres (cerca de 65 hectares) por apenas 5.900 dólares. Pague 10% de entrada e o restante em suaves prestações mensais com juros baixos".

Mas o melhor mesmo está no texto. Ele começa dizendo:

**Grande promoção do Atlético Acreano
SUPER CARNET GALO MILIONÁRIO
Pague o talão n.º 1 até dia 5 de setembro
e concorra aos seguintes prêmios: 1.º. Corcel OK 2.º. Televisor
3.º. Rádio Semp 4.º. Eletrola Philco 5.º. Liquidificador Arno**

VIAGEM FANTÁSTICA À ESTEXPER, ESTAÇÃO ORBITAL DO PLANETA



Estamos no ano de 1981, o ano versátil por excelência. O homem já foi à Lua, está perto de Marte e já existe o orgasmo múltiplo.

Apesar de não conhecer nem a metade de seu sistema solar, a raça humana tem viajado bastante pelo espaço sideral. Uma prova disso é o lixo atômico que vaga entre os asteróides, ou os satélites artificiais orbitando à volta da terra, ou as latas de cerveja e as garrafas de coca-cola encontradas na Lua. Mas com toda essa experiência em explorar o espaço sideral e o bolso terrestre, permanece ainda

virgem de pés, botas (e ainda sandálias havaianas) humanos, um planeta bem próximo à terra. Bem próximo, sim, e... tham, tham, tham, tham... Habitado também! Sim, amigo, habitado.

Claro que as formas de vida existentes neste planeta são algo que poderíamos chamar de esdrúxulas. Pra falar a verdade, é exatamente isso que eles pensam das formas de vida da terra. Exatamente: ao contrário dos humanos, eles sabem que existimos, e nos observam há séculos. Cobiçam aquilo que nós temos de mais precioso, em nosso amado planeta: COCA-COLA.



FUNAI esconde a verdade

O FATO

Parece não haver melhor figura para ilustrar a atuação da FUNAI perante os índios, que a de "tutora infiel". Ela lembra um pouco aquelas histórias infantis onde o padrao, ou mesmo o tutor, não só reprime aquele de quem deveria cuidar, como cobiça seus bens e fortuna.

Não é outro o comportamento deste órgão que trata o índio como se fosse criança ou débil mental, controlando rigidamente seus passos, suas palavras, e impedindo-os de tomar certas decisões, ou pelo menos de não lhes dar qualquer importância.

Mas pior do que isso é ver a FUNAI virar uma agência do governo, preocupada em transformar os índios em brancos, em impor-lhes o modo de vida dos brancos, e mais ainda, usando a eles e às suas terras como fonte de riqueza para alimentar um processo de crescimento econômico que nada tem a ver com eles.

Tudo isto está claríssimo no documento que o Presidente da FUNAI aprovou no final de junho deste ano, mediante o qual decidiu não alterar a área da reserva Apurinã, localizada no km 45 da BR-317 (Rio Branco/Boca do Acre).

Há anos que os índios reivindicam a ampliação de sua área, porque quando ela foi demarcada, deixou-se de fora os cemitérios indígenas, áreas de caça, pesca, coleta de castanha e seringa, e também as nascentes dos rios e igarapés. Alegam os índios que sua área, além de apresentar um traçado desfavorável (ela é um retângulo estreito e comprido), é demasiadamente reduzida para a sobrevivência do grupo, de acordo com sua maneira tradicional de viver. Além disso, com a implantação de fazendas e colônias à sua volta, e o conseqüente desmatamento da região, sentem-se ameaçados pelo desaparecimento da caça e temem que os rios e igarapés venham a secar no futuro próximo.

Aliás, a própria funai reconhece no documento citado, que "a área foi demarcada sem fundamentação de ordem técnico-antropológica... Sua demarcação ocorreu mais em função do clima de tensão existente, do que de embasamentos técnicos que obedecessem rigorosamente o censo histórico



Tony Gross

Se a caça acabar e os igarapés secarem, com os desmatamentos ao redor da área indígena?

, em última análise, são formas de pressão e constatação ao sistema, ao regime e à ordem constituída do País".

Se assim é, quem são essas pessoas? Onde estão elas? O que estão fazendo? Como e por que estão atuando junto aos índios? Por que o documento não aponta essas pessoas se ele mesmo diz que "os órgãos de segurança e policiais do Governo são conhecedores de toda a problemática que envolve o assunto da área indígena Boca do Acre"?

A resposta é simples: porque tudo não passa de invenção. Porque a melhor forma encontrada pelo Governo para se defender das críticas à sua política contrária aos interesses do povo, é acusando os outros. Argumentos como este utilizado no documento, não passam de tentativa de encobrir o desvirtuamento da política indigenista oficial, que hoje é um mecanismo para acelerar o desaparecimento dos poucos índios que ainda restam no Brasil.

A VERDADE

As razões reais para a FUNAI não entregar aos Apurinã as terras que de

direito lhes pertence, são bem diferentes. Aliás, é bom que se diga, não é só no km 45 que fatos como este estão ocorrendo. E também não é só no Acre, mas em todo o Brasil, que a FUNAI vem sistematicamente negando aos índios o direito de ocupar suas terras.

Não é outra a razão para que até agora, quase 3 anos depois de esgotado o prazo estipulado por lei para a demarcação de TODAS as áreas indígenas do país, nem 30% delas estejam definitivamente regularizadas.

O documento da FUNAI dá-nos uma pista sobre o assunto, quando diz que "os índios devem se restringir ao uso e utilização da área destinada a eles pelo Governo Federal, e procurarem explorá-la de forma racional, visando alcançar os meios de subsistência, sob orientação efetiva e segura da FUNAI".

Aí está dito com todas as letras que, mesmo em casos como esse em que a FUNAI reconhece ter havido erro na demarcação de uma área, os índios devem se contentar com o que o Governo lhes "deu", como se as terras indígenas fossem uma esmola e não um direito.

sobre a antiguidade da ocupação e a situação atual". O que significa dizer que ela foi feita sem atender ao que dispõe o Estatuto do Índio sobre o assunto.

É bom notar que o Estatuto prevê a possibilidade de erro na demarcação, afirmando que "o reconhecimento do direito dos índios à posse permanece das terras por eles habitadas. NÃO DEPENDE de sua demarcação, e será assegurado sem prejuízo das medidas que, na OMISSÃO ou ERRO do órgão federal de assistência aos índios (FUNAI), tomar qualquer dos poderes da República" (Art. 25).

Assim, de acordo com o Estatuto do Índio e conforme diz o documento da FUNAI, a área dos Apurinã deveria ser redefinida.

A DESCULPA

Mas a FUNAI decidiu que não, e para justificar sua atitude, apresentou algumas razões no documento do Presidente.

O primeiro argumento é o de que foram feitos vários estudos sobre as reivindicações dos índios, e que nenhum deles "justificam sob o ângulo técnico-antropológico, as razões da real necessidade para a Comunidade Indígena, de um acréscimo de área". O documento vai além, afirmando que "o plantio de café pelos colonos, despertou nos índios a cobiça por essas terras".

Essa afirmação, maliciosa e mal intencionada, não retrata a realidade dos fatos. Isto porque o interesse dos Apurinã não está nos pés de café, e que tradicionalmente foram explorados pelos índios. Aliás, os próprios índios já plantaram 6 mil pés de café dentro da reserva, possuindo também um viveiro com mais de 5 mil mudas.

Mas o documento não para aí. Ele tenta desviar o assunto alegando que "a reivindicação indígena é fruto de um preparo de pessoas que somente querem tumultuar todo um processo da política indigenista governamental, que

CONTRIBUINTE:

Pague em dia seus impostos municipais.

Lembre-se: pagando impostos em dia, você paga menos.

Ajude a Prefeitura de Rio Branco a construir sua cidade



CASAS FARHAT

mais de meio século
de tradição



R. 17 de Novembro, 1151 - Fone: 2279
Rio Branco - Acre

Mas o alcance daquela afirmação é ainda maior, pois ali se constata que a FUNAI pretende que os índios comportem-se como brancos, explorando suas terras de forma racional, e comandados por ela. Isto equivale a dizer que a forma tradicional de viver e produzir dos índios é vista como arcaica e pouco eficiente, e portanto de pouca utilidade para um Governo que é capaz de se valer de qualquer recurso para sair da crise econômica na qual está atolado e pela qual é o único responsável.

Nega-se desta forma, um direito garantido por lei: **"Cumprir à União assegurar aos índios a possibilidade de LIVRE ESCOLHA dos seus meios de vida e subsistência"** 7Estatuto do Índio — Art. 2º.)

Sob a batuta (ou quem sabe o chicote) da FUNAI, pretende-se que os índios sejam integrados às metas do Governo Federal, transformando-se em produtores de riquezas, independentemente de sua vontade. Assim, diz o documento: **"o que é preciso é preparar a Comunidade Indígena para explorar a terra a ela destinada, procurando desenvolver projetos sócio-econômicos, voltados para um contexto de desenvolvimento regional, intensificados através**

da agricultura, na busca da sustentação e equilíbrio da economia".

Trocando em miúdos: a FUNAI deixa de ser um órgão de assistência e proteção aos índios, para se transformar numa agência, preocupada em primeiro lugar, com a economia do país.

Portanto, não são os Apurinã do 45 que estão cobiçando o café dos colonos, mas é a FUNAI (talvez pressionada por outros órgãos do Governo como o Banco do Brasil, INCRA, etc). que desvirtuou seus próprios objetivos, colocando o índio num plano secundário, enquanto dá prioridade às metas econômicas do Governo Federal.

Mas então, como ficam os direitos dos índios? Ora, o direito dos índios...

O documento da FUNAI parece mesmo completo. Ele nem mesmo se esqueceu de que os índios poderiam não gostar da brincadeira. Segundo ele, **"é evidente que as medidas propostas em princípio serão questionadas pela Comunidade Indígena, por não atenderem aos seus interesses"**.

Por essa razão, uma grande comitiva da FUNAI deslocou-se até o 45 para dar a notícia aos índios. Faziam parte dela o Delegado da 8ª. Delegacia da FUNAI (Apoena Meirelles), o Chefe da Ajudância no Acre (Benamour Fontes),

o Chefe do Posto Indígena Kamikuã (Célio), e um funcionário enviado de Brasília.

Por via das dúvidas porém, ela foi escoltada por 6 (é meia dúzia mesmo!) agentes da Polícia Federal e por 2 enviados especiais do Exército, da Polícia Federal e por 2 enviados especiais que portavam um saco carregado de metralhadoras.

A ALIANÇA

Mas a história não termina aí. Numa atitude que só demonstra a maturidade de índios e colonos da estrada de Boca do Acre, ambos decidem não aceitar a solução dada ao caso. Reúnem-se para discutir a questão, e os índios mostram-se dispostos a continuar sua luta, reconhecendo porém que os colonos também são a parte fraca, que não são eles o inimigo, e apenas esperam ser transferidos para outras áreas onde possam continuar exercendo suas atividades.

Os estrategistas da FUNAI porém, são muito argutos. Com medo de que a notícia de uma solução desfavorável aos índios, pudesse ser o estopim de um conflito, os membros da comitiva sutilmente sugeriram a eles que, caso não concordassem, deveriam ir a Brasília

conversar pessoalmente com o Presidente.

A FUNAI apressou-se a fornecer passagem para que o índio fosse a Brasília. Este fato por si só é bastante estranho, uma vez que se sabe que ela tem dificultado e mesmo impedido, qualquer deslocamento de índio, principalmente para Brasília (ver matéria da pág. 17). A verdadeira intenção da FUNAI era retirar as principais lideranças de dentro da área indígena, para "esfriar as cabeças".

Mas ela não previa a aliança que surgiria entre índios e colonos. Menos ainda que os colonos também enviariam um representante seu a Brasília. Como símbolo da falta de seriedade daqueles que executam a política indigenista do Governo, e do descaso que eles têm para com o problema, o Presidente da FUNAI nem sequer recebeu em sua sala o colono Plínio Bertoldo, que foi até lá com o dinheiro suado dos colonos, simplesmente para ouvir que a FUNAI não tem nada a ver com eles. Enquanto isso Manoel, um dos líderes indígenas do 45, recebia do próprio Presidente a confirmação de que sua área não seria alterada. E começava a perceber que estava ali, porque era de interesse da FUNAI que ele estivesse longe de sua terra.

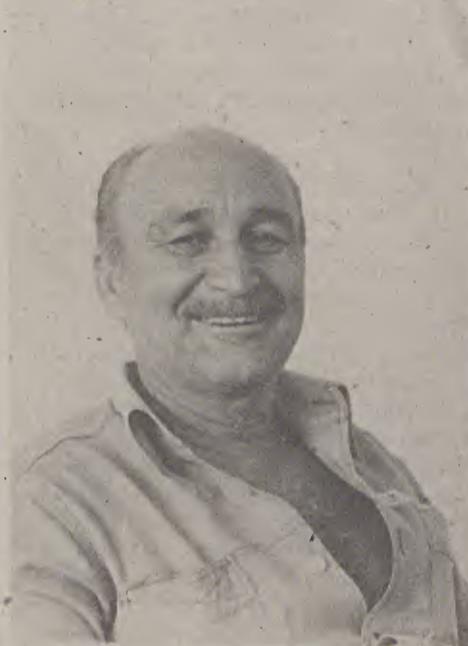
Dedo duro de plantão na FUNAI

Benamour Brandão Fontes, Chefe da Ajudância da FUNAI em Rio Branco, reúne vários "qualificativos". José Meirelles, um dos mais conceituados indigenistas que já passou pelo Acre, chamou-o certa vez de "burocrata de plantão". Varadouro tem em seu poder um depoimento prestado por uma índia Apurinã, onde ela diz que Benamour é "puxa-saco dos poderosos".

Mas parece que ele gosta mesmo é de "brincar de polícia", talvez uma frustração de infância, talvez porque sintasse importante ao agir dessa maneira.

No ano passado, por exemplo, ele se apresentou como "Major", num hotel de Boca do Acre. Por esse motivo foi inclusive interpelado por um Capitão da PM do Amazonas, que se encontrava por lá.

Não satisfeito, ele passou a agir com as próprias mãos (ou melhor, dedos). No início de agosto, um repórter de Varadouro foi até a FUNAI para conversar com um índio Apurinã e com um colono, ambos do km 45 da estrada que liga Rio Branco a Boca do Acre.



Benamour Brandão Fontes —
Chefe da Ajudância da FUNAI no
Acre

Motivo da conversa: Varadouro desejava saber como eles estão vendo a recente decisão da FUNAI de não ampliar a reserva dos Apurinã. Além de ouvir o índio e o colono, era intenção

do repórter conversar também com o "Major".

Qual não foi sua surpresa porém, quando em meio ao papo com o colono, foi-lhe arrancado o gravador das mãos e dele retirada a fita. Sob o argumento de que ali só era possível conversar com quem ele autorizasse, guardou a fita no bolso e imediatamente redigiu um ofício encaminhando-a ao Superintendente da Polícia Federal.

O repórter tentou argumentar, alegando que o direito de informar e ser informado, assim como a liberdade de conversar com quem quer que seja, fazem parte dos mais elementares direitos do homem. O "Major" não se comoveu. Ao contrário, seus olhos brilharam ante a possibilidade de prestar mais um serviço à comunidade de informações do Acre. Não contente, chamou o colono à sua sala (Major, colono não é tutelado da FUNAI não) e advertiu-o de que estava proibido de conversar com o repórter ali dentro. Assustou-o tanto que o colono que antes estava disposto a falar, não quis mais saber de papo.

Resta ver porque coisas como esta acontecem diariamente neste país. Em primeiro lugar, quando se vive numa sociedade autoritária e repressora como a nossa, qualquer chefe de repartição julga-se no direito de fazer o que bem entende. E quando pode dar ordens, mandar e desmandar, sente-se o próprio rei, tripudia sobre o mais fraco, sobre o que não tem força ou poder.

Mas não é só isto não. Na realidade a FUNAI, assim como a maioria dos órgãos do Governo, vive com medo da verdade. Isto porque eles sempre tem alguma coisa a esconder, porque estão sempre tomando decisões arbitrárias, anti-populares e anti-democráticas. Porque este Governo não foi escolhido pelo povo e assim não se sente obrigado a prestar contas a quem quer que seja.

Qual a razão Sr. Benamour, de impedir que um jornalista exerça seu trabalho? É medo de que? Ou será que o senhor sabe, tanto quanto nós, que a terra que foi negada aos índios pela FUNAI, pertence a eles e a mais ninguém?

**Empresá Amazônica
de Engenharia**

ELETRA

**Qualidade nos bons
de Engenharia**

Rua Santa Inez, 463 — São Francisco Telefone: 224-3030 Rio Branco — Acre

Estes índios são escravos da PARANACRE

Dentro do imenso latifúndio de 463 mil hectares de terras que a Paranacre alega ser proprietária no Rio Gregório, Município de Tarauacá, existem cerca de 300 índios Iauanauá e Katukina vivendo uma situação de verdadeira escravidão.

São índios que não têm direito a nada, nem sequer à área onde sempre viveram e morreram seus antepassados. Como seringueiros, são duplamente explorados: nos altos preços das mercadorias adquiridas nos barracões da Paranacre, e no baixo preço de sua produção de borracha. São também obrigados a pagar a renda das estradas de seringa existentes dentro de sua terra, além de também pagarem a "tara" e outras "comissões" para os gerentes da Paranacre, empresa de propriedade do Café Cacique, Viação Garcia e outros, todos de Londrina, no Paraná. Trabalhando como peões, recebem uma baixa diária de 250 cruzeiros, quando uma lata de leite em pó, de 400 gramas, custa 500 cruzeiros nos depósitos da Paranacre.

A Ajudância da FUNAI no Acre é omissa, apesar das denúncias já apresentadas pelo chefe Iauanauá Raimundo Luis. Os missionários norte-americanos da Novas Tribos do Brasil, que vivem há seis anos entre os índios do Rio Gregório, só se preocupam com o proselitismo religioso, pregando o evangelho do "deus branco", enquanto desconsideram as festas e rituais tradicionais dos índios, chamando-os de "coisas do diabo".

Através do Varadouro, as lideranças indígenas Iauanauá do Rio Gregório, pedem o decidido apoio da opinião pública acreana, no sentido de garantir a demarcação de uma área de terra, para que eles possam viver mais dignamente — como gente, como índios, como um povo distinto do nosso.

VARADOURO — Como é a vida de vocês aqui no Rio Gregório?

Luis Iauanauá — A nossa lei aqui é trabalhar e viver no cativo, como antigamente vivia no tempo dos patrões cariu. Ainda hoje nós vive esta vida como escravo da Paranacre. Aqui os índios corta seringa e faz serviço de empeleitada para a firma Paranacre. Nós abre colocação no bruto, roça as estrada de seringa, faz barraca e defumador, bota roçado prá nós e pros gerentes da firma, broça e derruba a mata, roça ramal e varadouro, faz ponte nos igarapé pro comboio passar. Tudo que tá aberto neste seringal Caxinauá e Sete Estrelas foi feito com os braços dos índios Iauanauá e Katukina do Rio Gregório. E acabou os



A firma Paranacre comprou esse Rio Gregório todinho com nós tudo dentro?... Será que a Funai tá combinada com a Paranacre?

gerente da Paranacre não dá valor a nosso serviço. Paga pouco e muitas vezes não paga todos os dias de serviço que a gente faz.

Gilson Iauanauá — Aqui todos os índios paga renda das estradas de seringa, paga tara de borracha, paga comissão do comboio. Não se perde um. Tem muitos índios cortando seringa aqui e nunca o comboio leva mercadoria prá nós. Quem quiser é que leve nas costas.

Antonio Luis Iauanauá — Os gerentes aqui da Paranacre nunca dão valor no nosso serviço. Ainda faz é empatar de vender mercadoria prá nós. Eu sempre faço esse serviço de empeleita prá eles e agora tô com quase três mês que não compro nada no barracão, porque seu Antonio Bento que é gerente da Paranacre, não me vende mais nada. Quem ajuda nós aqui vendendo alguma coisa é o Luiz Antonio, que é um seringueiro, é um pobre também que nem nós. Ele vende sal, querosene, alguma outra coisinha que a gente precisa.

Gilson Iauanauá — Os gerentes da Paranacre não dá valor no nosso serviço aqui. Eu trabalhei 22 dias pro seu Antonio Bento, gerente aqui no seringal Caxinauá, e ele só me pagou 16 dias. Então eu perguntei prá ele: o senhor não vai me pagar os meus 22 dias? Ele me respondeu: pago não! Nunca vi um homem trabalhar 22 dias seguido. Eu fui e disse lá umas palavras prá ele: Seu Antonio Bento, então os meus dias o senhor vai parir! Por causa disso ele não me vende mais nem uma caixa de fósforo. Ele ainda me mandou procurar outro rumo. Mas ele sabe muito bem que nós somos morador antigo daqui. Aqui é a nossa terra!

Varadouro — A gente sabe que a Paranacre tem aqui 463 mil ha. de terras. E vocês não têm direito a nem um pedaço de terra?

Arnaldo Iauanauá — A Paranacre comprou essa terra com nós tudim den-

tro. A firma devia deixar nossa área de terra prá nós viver. Comprou a nossa terra e nós não tem direito a nada. Quando o seu Ernesto, fiscal da Paranacre, andou por aqui, o Raimundo Luis nosso chefe, perguntou prá ele: Seu Ernesto, e nós? A firma Paranacre comprou esse Rio Gregório todinho com nós tudo dentro? E nós não tem direito a nossa terra? O Seu Ernesto foi e respondeu pro Raimundo: Quem é que compra uma terra prá dar? Disse desse jeito, na cara dele. Aí o Raimundo ficou pensando...

Luis Iauanauá — A Paranacre comprou esta terra, mas sabendo que nós vivemos de geração, aqui neste Seringal Caxinauá do Rio Gregório. Nasceu e se criou aqui. Esse campo daqui da sede do Seringal, é tudo feito pelos braços do papai e dos índios velhos que trabalhavam para os cariu. E o papai morreu à mingua, como um cachorro. E nunca foi enxergado pelos patrões e pela Funai. Entonce o que é que nós vamos fazer quando o fiscal da Paranacre falar desse jeito como ele falou pro nosso chefe?

Raimundo Luis — Nós índios daqui do Rio Gregório consideramo esse Seringal Caxinauá e Sete Estrela, como nossa terra. Mas a firma Paranacre diz que a terra é deles, que eles compraram do Altevir Leal. Entonce quer dizer que o Altevir Leal vendeu a terra com nós tudim dentro? Eu digo isso porque quando nós fala aqui do nosso terreno, os gerentes da Paranacre diz que nós não tem terra aqui. Comparação: se tem gado da firma invadindo nosso roçado e nós fala prá ele que tem gado invadindo o nosso lado, acabando com nosso roçado, ele vai e diz: vocês aqui não tem terreno. Tudo aqui é da firma. A terra é da firma. Então nós não tem direito à nossa terra? Nós tamo aqui servindo de escravos da Paranacre. Quem manda é a Paranacre e a Funai não faz nada. Nós aqui não manda nem na nossa barraca que tamo morando,

de jeito nenhum. O povo diz que os índios tem direito no pedaço de terra, entonce a gente tem que falar prá conseguir os direitos da nossa terra.

Varadouro — E a FUNAI? O que ela tem feito para ajudar a vocês a garantir a terra de vocês?

Arnaldo Iauanauá — Aqui nunca apareceu ninguém da Funai prá tirar o nosso terreno. O índio vivendo nessas cabeceira de rio, nessas fronteira, nunca é enxergado pela Funai. A gente vive assim no absoluto, como um bicho qualquer. Nós somos os esquecidos da Funai. A Ajudância da Funai de Rio Branco, vive enganando o nosso chefe Raimundo Luis. O chefe da Funai, Benamour, nunca faz nada por nós. Ele diz que a Funai não conhece os índios daqui. Mas a obrigação dele é conhecer nós aqui.

Raimundo Luis — O Seu Benamour disse prá mim que ele não tem ajudança comigo, porque ninguém conhecia nós aqui. Já tem duas vezes que eu vou a Rio Branco tratar da minha saúde e caçar os direitos da nossa terra, mas o Seu Benamour sempre diz que ele não resolve nada. Que esse negócio de nossa terra era só em Brasília que resolvia.

Entonce eu pedi a ele permissão prá ir prá Brasília, e ele diz que o Delegado Apoena de Porto Velho não deixa, que a viagem é muito caro. Ele diz que vai telefonar prá Brasília e não telefona, depois me manda de volta prá minha aldeia prometendo que vai me ajudar. Eu fico então pensando: por que um homem desse não fala logo a verdade? Por que uma autoridade dessa anda mentindo para um índio velho? Pelo que o Seu Benamour tá fazendo comigo eu não sei o que responder para o meu povo. É uma grande vergonha que ele tem feito comigo. Uma grande desanimação para o meu povo. Será que a Funai tá combinada com a Paranacre?

Varadouro — E esses missionários norte-americanos da Novas Tribos do Brasil, o que eles têm feito por vocês?

Gilson Iauanauá — Do meu conhecimento, esses missionários americano só dá remédio prá nós, mediante dinheiro. Remédio prá nós só se for vendido. Eles não se importa com a situação de cativo que nós tamo vivendo aqui na Paranacre. Só se importa em pregar evangelho prá nós. Fala muito do deus branco deles, mas sobre a nossa terra eles não ajuda não. Os cariu invadiram nossa terra, mataram muitos índios nas correria, roubaram nossa terra. Agora vem esses americano prá roubar o nosso espírito. Eles diz que as nossa festa do cipó, que o nosso mariri, que o nosso pagé, é tudo coisa do diabo.

REMOLO JARUDE E CIA.

Armas, munições, conexões galvanizadas e ferragens em geral

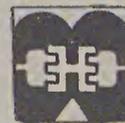
Rua Sergipe, 216 Tel.: 224-3148
Rio Branco — Acre

META — MATERIAIS ELETROTÉCNICOS LTDA.

Av. Dr. Pereira Passos, 29

Rio Branco — Acre

Fone: 224-5739 — Telex: 0682122



Convenção do PT em Sena

A convenção do PT no município de Sena Madureira, realizada dia 26 de julho, foi mais uma festa e mais um sucesso para este Partido que vai crescendo e começa a incomodar.

Para participar dela, cerca de 60 pessoas deslocaram-se de Rio Branco até Sena, apoiando a luta dos trabalhadores de lá.

No domingo dia 26, a cidade amanheceu toda pixada, com frases do tipo: "Contra os grileiros e latifundiários"; "PT — o povo no poder"; "Sindicato livre"; "PT — partido sem patrão".

Mas a grande surpresa estava reservada no interior da Câmara Municipal, onde se realizou a convenção.



Leô, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Branco, discursa na Convenção do PT. Atrás, o retrato de Médici: saudosismo ou sinal dos tempos?

Não sabemos se por saudosismo ou falta de informação, mas o fato é que a Câmara ainda exhibe, ostensivamente, o retrato de Médici, que há mais de 7 anos deixou a Presidência da República.

Associados começam a mandar na Cooperativa de Sena

A união de um grupo e a disposição de lutar por seus interesses, ainda é melhor receita para impedir que seja explorado, bem como para transformar qualquer realidade. Este o exemplo que a Cooperativa Agrícola Mista de Sena Madureira demonstra.

A Cooperativa foi criada em 1977, mas nunca funcionou muito bem, a não ser por outros períodos. Um pouco por má administração, um pouco porque suas diretorias foram compostas por pessoas distantes dos pequenos agricultores do município, os quais constituem a maioria de associados. Desta forma, os sócios estavam afastados das decisões, a Cooperativa não cresceu e, pelo contrário, esteve praticamente desativada durante muito tempo.

Em fevereiro desse ano, Adão Alves Ferreira assumiu sua presidência, após derrotar numa eleição, o antigo presidente — Isaac D'Ávila — que aliás, também comanda o Diretório Municipal do PDS.

Adão possui um lote de terra no PAD-Boa Esperança, projeto de colonização do INCRA localizado próximo à sede do município. Pela sua condição de pequeno agricultor, aliada a uma grande combatividade ao defender os interesses da Cooperativa, Adão parece estar conseguindo fortalecê-la, mediante a união dos associados.

A primeira tarefa foi colocar ordem na casa. Isto porque segundo Adão "o antigo gerente fez um amontoado de erros e depois quando acabou a mercadoria, foi embora. Tanto é que a Cooperativa passou mais de ano sem comercialização".

Além de melhorar as instalações, Adão preocupou-se principalmente em assumir de maneira efetiva, o controle da Cooperativa, porque "a EMATER sempre mandou lá... A EMATER quer se meter nas Cooperativas mais que os próprios associados. Concorde que ela dê orientação aos sócios, que faça projetos e dê assistência técnica. Mas querem exagerar; ela quer fazer tudo. Não concordo com isso e



Adão Alves Ferreira — Presidente da Cooperativa de Sena Madureira.

os associados também não... Pra mexer com cooperativa é preciso ter sangue nas veias. Veja por exemplo, de fevereiro pra cá, ela que não tinha condições de nada, já está se erguendo. Até o número de sócios aumentou de 120 para 160".

Aquela interferência negativa estava personificada sobretudo, na figura de um gerente, pago pela EMATER, já que a Cooperativa não tem ainda condições de pagar um salário para um administrador.

Mas, "se é para a EMATER mandar mais do que o sócio, peço minha demissão". Assim, depois que o gerente "fez alguns erros, fez coisas sem combinar com a diretoria, como é o caso de abrir conta em banco só no nome dele, de comprar mercadoria e contratar funcionário sem o nosso conhecimento", os sócios reuniram-se e acabaram pressionando para que o gerente fosse afastado.

No entender de Adão, "se eu não agir assim, fazem o presidente de boneco e perco a confiança dos associados". E conclui: "Em algumas cooperativas, quem fala é só a EMATER. O presidente nem abre a boca... Posso não saber fazer muita coisa, mas tem muito comerciante por aí, que prospera mesmo sendo analfabeto".

SOLDADO DA BORRACHA



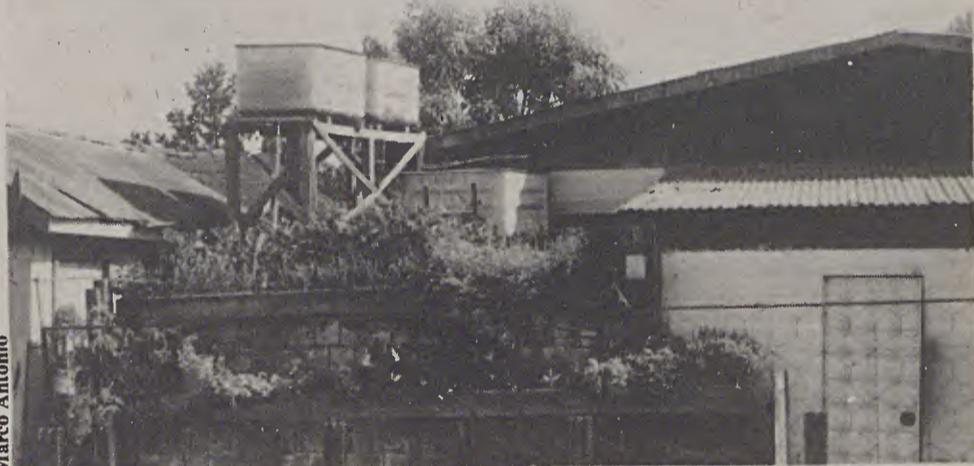
Com 74 anos e já apresentando sinais visíveis de cansaço, o sr. Fidelis, como é conhecido no Km 32, da BR-317, entre Brasiléia e Assis Brasil, vive hoje no mais absoluto abandono. Ele vive sozinho, perambulando pelos barracos, conversando com um ou com outro, mas sempre falando em seringa, borracha sernambi, etc.

Nascido no seringal Montevideu, no município de

Brasiléia, o sr. Francisco Fidelis Pinto trabalhou exatamente meio século (50 anos) de sua existência com o corte de seringa.

Depois de todos esses anos de sacrifícios, de trabalho com a seringa, o sr. Fidelis dispõe hoje de apenas um minguado salário de Cr\$ 3.900,00, que conseguiu com muito sacrifício junto ao Funrural. Muito calado e de olhar profundo, o sr. Fidelis arrisca umas palavras para dizer que cortou muita borracha para o Brasil lutar na Segunda Guerra Mundial. "Eu também sou um soldado da borracha, como muitos desses que andam abandonados por aí", disse o ainda seringueiro Francisco Fidelis Pinto.

Solução simples para hortas urbanas



Num pequeno caixote sobre o telhado de casa, verduras alimentam uma família o ano todo

Um pouco de criatividade e muita vontade de comer verdura fresquinha, é o que basta para se ter uma bonita horta como a da foto acima. Espaço não é problema. Um pequeno canteiro, ou até mesmo o telhado de casa, são suficientes para produzirem refeições saudáveis e nutritivas.

A residência de seu Ademir Teixeira fica na Rua Guiomard Santos, em Rio Branco, e está espremida entre duas outras casas. Não tem quintal nem jardim, pois o terreno é muito pequeno. Mas mesmo assim produz tomate, alface, pimenta, coentro, pimentão, couve, cebola, couve-flor, chicória, num canteiro de cerca de 10m². Segun-

do seu Ademir, sua horta produz o ano todo para alimentar sua família (6 pessoas) e ainda sobra para dar aos vizinhos.

Se esta é uma solução que não resolve o problema de alimentação de , quem ganha pouco, pelo menos ajuda a enriquecer a mesa, sem exigir muito esforço.

O exemplo de seu Ademir é uma lição pra todos nós. Sobretudo quando vivemos numa conjuntura de crise econômica, com desemprego generalizado e inflação galopante. Hoje fala-se muito, também em crise de alimentos, e por isso é necessário estarmos atentos para soluções simples porém efetivas como esta.



CADERNETA DE POUPANÇA
ARUAQUE
O amanhã é certeza se você poupar hoje.

ARUAQUE - Associação de Poupança e Empréstimo do Acre

Av. Epaminondas Jácome, 447 - Fone: 224-1697 Rio Branco - Ac.

Economise
Poupanço

Acreano merece coisa melhor



Sem dúvida, um grande divertimento pra crianças. Os mais idosos porém, que se culdem...

A "ponte pensil", construída sobre a ponte do governo Kalume, tem trazido horas e mais horas de apreensão e vexame ao povo acreano.

Na inauguração da ponte metálica, Kalume disse: "Mato a cobra e mostro o pau". O pau era podre e a ponte caiu.

Na atual passarela, mais conhecida por "Baila Comigo" ou "Cuia de Cego", cenas de risos são freqüentes, pois muitos não escondem seu pavor de atravessá-la. Isto sem falar nos assaltos, pois nem iluminação colocaram no local. Passados três meses de sua inauguração, ela já foi desmontada para reparos.

Outro dia, o redator desta nota aventuroū-se com seu filho a atravessar a dita cuja. Éramos seguidos de perto por uma velhinha. A senhora vendo a ponte balançar mais que rumbeira, chamou-nos e disse: "Moço, me espere. Deixa eu segurar no senhor, que tô com medo de cair lá em baixo". Dei-lhe o braço e fomos caminhando juntos; a ponte tremendo mais que açazeiro quando recebe choque de puraquê. Quando chegamos ao fim, ela me agradeceu e comentou: "Eta povinho sofredor esse acreano. Este governo era de ter vergonha na cara e construir merda melhor..."

Prá onde vai o dinheiro do PROBOR?

"Faz três anos que entreguei minha carteira de trabalho prá assinar, e até hoje não recebi de volta... A gente não sabe nem quanto ganha por mês, quanto é o salário. Tem mês que o pagamento vem, tem mês que não vem..."

Essa a situação denunciada por um dos muitos professores contratados pelo convênio entre a SUDHÉVEA e a Secretaria de Educação, para dar aulas nos seringais dos municípios de Sena Madureira.

Nenhum recibo, nenhum comprovante, nenhum contrato. Não há nada que indique se o salário destes professores está sendo pago integralmente, ou se os recursos estão sendo desviados para outras finalidades menos nobres.

O dinheiro é depositado na agência do BANACRE de Sena, em nome dos profes-

sores, e quando estes vão retirá-lo, não recebem qualquer documento explicando o que está sendo pago.

"No Banco eles não explicam, não sabem dizer quantos meses é... Tem mês que vem mais, tem mês que vem menos, tem mês que não vem. Não dá nem prá saber se estão pagando os atrasados ou não. E agora até que está bom. Antes a gente ficava até seis meses sem receber... Com uma inflação galopante e o salário atrasando sempre, quando a gente recebe, o dinheiro não vale mais nada..."

E tem mais: esses professores não podem nem fazer a carteira do INPS, pois não têm como comprovar que estão empregados.

"Já teve professor que foi em Rio Branco só prá pegar a carteira (de trabalho). Foi na Secretaria de Educação e lá não acharam nada".

SERINGALISTAS OU SERINGUEIROS: A QUEM SERVE A COBAL?

Não é de hoje que se sabe e se denuncia que a COBAL não está servindo aos seringueiros da forma como deveria. Mas mesmo assim ela não se emenda.

Um repórter de Varadouro esteve em Xapuri e em Sena Madureira, e lá uma vez mais, ouviu as queixas dos trabalhadores e do pessoal dos sindicatos.

Em Sena, os produtos vendidos pela COBAL podem ser encontrados em muitas casas comerciais da cidade, onde são revendidos com uma fantástica margem de lucro. O que está ocorrendo é que os seringalistas

estão adquirindo os produtos na COBAL, e ao invés de remetê-los para os seringueiros que com eles trabalham, preferem vendê-los no comércio local — lógico, ganhando um bocado nessa transação.

Em Xapuri acontece algo semelhante. Só que lá a denúncia maior é de que os seringalistas estão vendendo as mercadorias da COBAL a preços extorsivos para os seringueiros.

Varadouro tem em seu poder, uma "nota de compra" de um seringueiro que trabalhava para a Bordon, e pôde constatar os absurdos desse comércio.

Produto	Preço cobrado pela Bordon 4/5/81	Preço no comércio de Xapuri 20/7/81	Diferença percentual entre os dois preços
Farinha (kg)	40,00	25,00	60%
Gasolina (litro)	90,00	75,00	20%
Açúcar (kg)	90,00	51,00	77%
Café (kg)	400,00	260,00	54%
Sabão (unidade)	100,00	50,00	100%
Bom-Bril (pacote)	40,00	25,00	60%
Vela (pacote)	80,00	45,00	78%
Fósforo (maço)	60,00	16,00	275%
Óleo (lata)	150,00	68,00	121%
Melhoral (envelope)	76,00	25,00	204%
Cartucho 20 (unidade)	150,00	80,00	88%
Espoletas Tupã (unidade)	8,00	5,00	60%

Com uma margem de lucro que para alguns produtos até mesmo ultrapassa os 100%, é bem possível que, mediante transações deste tipo, os seringalistas estejam ganhando mais do que com a própria extração da borracha!

Em Tarauacá a história se repete

O Alagoas, um dos maiores seringais de Tarauacá, foi arrendado recentemente ao Sr. Jesé Ferraz, seringalista tradicional do município, pois a firma Tarauacá S/A. não tinha mais condições financeiras e morais para movimentá-lo.

A primeira diferença que se nota agora, é a grande quantidade de mercadorias existentes nos depósitos e no barracão daquele seringal, o que não ocorria no tempo dos "Paulistas", apesar dos vultosos financiamentos do Probor II, retirados e desviados para a matriz da Tarauacá S/A em São Paulo.

Mas os preços das mercadorias que estão sendo vendidas atualmente no Alagoas, têm

seido duramente criticados pelos seringueiros. Dada a alta taxa de lucro das mercadorias, os seringueiros estão abandonando progressivamente o seringal. Hoje o Alagoas conta com apenas 60 seringueiros, quando sua capacidade é para colocar mais de 300.

Uma comparação dos preços das mercadorias nos depósitos e barracão do Alagoas, com o preço das mesmas adquiridas nos armazéns da COBAL em Tarauacá, demonstra que o esforço da SUDHÉVEA em melhorar a qualidade de vida dos seringueiros dos altos rios tem sido quase nulo. A tabela abaixo mostra que as reclamações e queixas dos seringueiros do Alagoas é justa e procedente:

Mercadoria	Preço no Seringal Alagoas	Preço na COBAL de Tarauacá	Taxa de lucro
Sal (kg)	60,00	200%	20,00
Querosene (litro)	220,00	300%	55,00
Sabão (barra de 1 kg)	300,00	300%	50,00
Leite em pó (400 gr.)	500,00	181%	178,00
Óleo comestível (lata)	200,00	150%	80,00
Conserva (lata)	150,00	150%	60,00
Fósforo (maço)	60,00	200%	20,00

O novo arrendatário do Alagoas justifica os altos preços das mercadorias por causa dos transportes, juros bancários e despesas com a reabertura do seringal. Segundo o Sr. Ferraz, o barracão, a loja, os armazéns do Alagoas "está tudo podre, caindo aos pedaços, não houve limpeza de ramais nem de varadouros e dois terços das colocações estão no bruto e sem seringueiros, por culpa da Tarauacá S/A, que retirou milhões de financiamento do Probor I e II, e não aplicou no seringal como deveria ter sido feito".

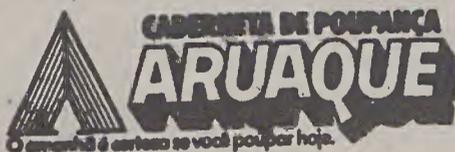
O que o Sr. Ferraz precisa saber, é que os seringueiros do Alagoas não têm culpa nisso, e

querem que suas mercadorias baixem de preço. Caso contrário, irão abandonar o Alagoas. E patrão sem seringueiro para produzir borracha, não vale nada.

O Sr. Ferraz também não está pagando os aumentos de preço da borracha durante o decorrer da safra, o que constitui mais uma reclamação dos seringueiros.

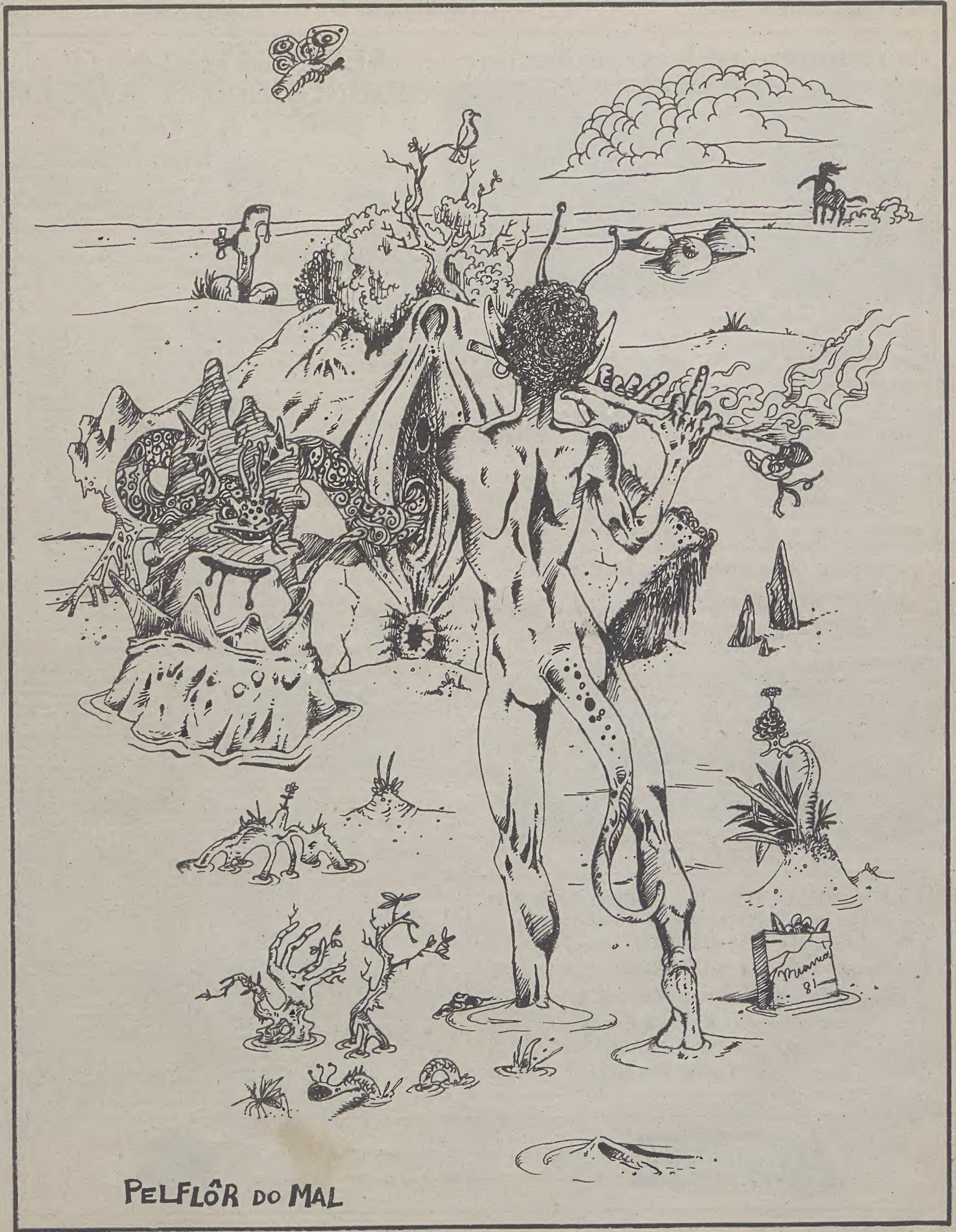
Outra coisa, Sr. Ferraz, quem está pagando o arrendamento do Alagoas para o seu proprietário — o ex-senador Altevir Leal, que o senhor chama de "relaxado" — são os próprios seringueiros. Portanto, não explore seus trabalhadores desta forma!

A luta de VARADOURO também é sua luta.
Faça uma Assinatura de Colaboração
Acre — Cr\$ 400,00 (6 edições)
Outros Estados — Cr\$ 800,00 (6 edições)
Remeta um cheque comprado ou vale postal
em nome de: Macauã Produções
Gráficas e Publicações Ltda.
Caixa Postal 354 69900 Rio Branco — Acre



ARUAQUE - Associação de Poupança e Empréstimo do Acre
 Av. Epaminondas Jácome, 447 - Fone: 324-1697 Rio Branco - Ac.





PELFLÔR DO MAL